



CLEMENS BRENTAN, BERNARD E, OVERBERG Y. WILLIAM WESENER

VISÕES E REVELAÇÕES DA VENERÁVEL

ANA CATARINA EMMERICK

TOMO XIV

A VIDA DE JESUS CRISTO E DE SUA SANTA MÃE

De acordo com as visões da Ven. Ana Catalina Emmerick

Reconhecimento e Discernimento das Sagradas Relíquias

Versão online:

www.valde.com.br

Índice

INTRODUÇÃO.....	3
DISCERNIMENTO DAS RELÍQUIAS SANTAS.....	3
Como reconhecer relíquias.....	3
Relíquias de santos enterradas em vários lugares.....	3
Lugares de relíquias esquecidas.....	5
Uma igreja espiritual onde as maiores relíquias estão reunidas.....	5
Abandono geral de relíquias em nossos tempos.....	6
Reconhece verdadeiras relíquias e explica a relação da alma com o corpo dos santos.....	7
Relíquias de São Pedro, Lázaro, Marta e Madalena.....	7
Testes com relíquias falsas. Rainha Semíramis.....	7
Recebe relíquias desconhecidas novamente.....	8
Ela é testada novamente no dom de reconhecer relíquias.....	9
Vê vários santos e mártires.....	9
Presença de martírios no anfiteatro romano.....	10
Verificações curiosas no reconhecimento de ossos.....	11
Visão de relíquias roubadas.....	12
Ela anuncia que reconhecerá muitas relíquias.....	12
Reconhece diversas relíquias.....	13
Entre as catacumbas.....	13
Sensação ao ver as relíquias.....	14
Descobre uma relíquia de Santo Inácio.....	14
Explica como reconhecer relíquias.....	14
Conta como ela vê os anjos.....	15
Reconhece as relíquias que o Peregrino lhe trazia.....	16
História de uma cruz cheia de relíquias.....	17
História da criança mártir de Sachsenhausen.....	20
Relíquias da Igreja de Münster.....	22
Reconhece relíquias de Afra, Marta e Madalena.....	24
Relíquia de Santa Marcela.....	25
Cenas da vida de São Marcelo Papa.....	25
Plácido e Donato.....	26
Relíquias e episódios de vários santos.....	27
Uma relíquia de São Lucas.....	28
Suposto cabelo de Maria.....	28
Coisas abençoadas e consagradas.....	29
Uma moeda de São Bento e outras relíquias.....	29
RELÍQUIAS DE JESUS CRISTO E SUA SANTA MÃE.....	30
Relíquias do Sangue de Cristo e cabelos da Santíssima Virgem.....	30
Visões sobre essas relíquias sagradas. A princesa de Creta.....	31
O sangue mais precioso.....	33
Notícias sobre o Cardeal Giménez.....	34
A ilha de Creta. São Dátula e Pontiziano.....	34
Reconhecimento de uma relíquia.....	37
Outra relíquia do Preciosíssimo Sangue.....	37
A lança sagrada do Senhor.....	38
Efeitos de uma relíquia da Santa Cruz.....	39
Um vestido da Santíssima Virgem.....	39
Outras relíquias de Maria Santíssima.....	40
Pedras nas quais os apóstolos celebraram.....	41
Constantino e sua conversão (*).....	42
Encontro e triunfo da Santa Cruz.....	43

INTRODUÇÃO

Como já dissemos, Ana Catalina possuía, em excelente grau, o dom de discernir as relíquias verdadeiras das falsas. Ao mesmo tempo em que autenticava o osso de um santo, via-a, em êxtase, e seus movimentos, palavras e principais ações eram instantaneamente desenvolvidos, como numa tela cinematográfica.

Assim pôde relacionar, como se via, a biografia de numerosos mártires, homens virtuosos e virgens santas, com preciosos detalhes familiares, dos quais nada nos dizem as hagiografias. A história continuou sobre o valor das relíquias, os locais onde se encontravam e o abandono negligente em que eram guardadas. Às vezes conseguia reconstruir a história completa de uma alma heróica, que tinha todo o encanto de um romance comovente, como a vida do menino de Sachsenhausen e a daquela donzela suíça que guardava uma cruz com relíquias na solidão da selva.

É admirável também o que nos revela sobre o preciosíssimo sangue de Cristo, e o cabelo, a aliança e uma carta de Maria Santíssima.

DISCERNIMENTO DAS RELÍQUIAS SANTAS

Como reconhecer relíquias

“Você recebeu, disse-me um dia o Anjo, o dom de ver a luz que vem das relíquias dos santos pela disposição que lhe foi dada em prol da comunidade dos membros do corpo da Igreja; mas a “Fé é a condição de toda disposição para receber influência e ação sagrada”.

Estando acordado, às vezes vejo um corpo luminoso e mil raios de luz que sobem da terra e se tornam uma coisa só com esse corpo. Muitas vezes um dos fios de luz se rompe e volta; então, nesse ponto, nasce uma sombra. (Imagem da comunhão dos fiéis através da oração e das boas obras). É difícil para mim explicar essas coisas claramente. Vejo a bênção e os efeitos das coisas abençoadas como coisas que santificam e salvam, como luz que espalha luz. Vejo o mal, a culpa e as maldições como obscuros e sombrios, produzindo efeitos de perdição. Vejo a luz e as trevas como coisas vivas, produzindo respectivamente luz ou trevas.

Há muito tempo que conheço relíquias verdadeiras e as distingo das falsas; Temendo que as falsas fossem veneradas, enterrei muitos deles.

Meu guia me disse que era um grande abuso fazer com que objetos simplesmente tocados neles fossem verdadeiras relíquias. Certa vez, enquanto preparava hóstias no convento, senti um forte desejo de me aproximar de um armário e como se fosse impelido para isso. Então ergui um relicário com relíquias e não pude descansar até que fossem homenageadas novamente.

(19 de julho) Disseram-me que ninguém jamais teve o dom de discernir relíquias na medida que me foi concedido; e a razão é porque estas coisas estão agora em declínio deplorável e é necessário remediar isso.

Relíquias de santos enterradas em vários lugares

(1º domingo de julho de 1819) Tive que fazer uma grande viagem. Fui conduzida pelo meu guia aos lugares do nosso país onde repousam os ossos de santos

desconhecidos dos vivos. Vi corpos inteiros de santos sobre os quais foram construídos edifícios e lugares onde antes existiam igrejas e conventos. Havia fileiras inteiras de cadáveres e entre eles alguns corpos de santos. Também ali, em Dúlmen, vi restos sagrados enterrados entre a igreja e a escola. Os santos a quem pertenciam aproximaram-se de mim dos coros celestiais, e cada um me disse: “Estes são os meus ossos”.

Vi também que estes tesouros, embora tão pouco valorizados, trazem, no entanto, salvação aos lugares que por isso foram libertados de graves calamidades, e que outras cidades mais recentes sofreram muitos males, porque não possuem tais tesouros. Não sei dizer quantos lugares, admiráveis e desertos, entre muros, casas e recantos, estive, onde jazem magníficos tesouros de relíquias escondidos e desprezados. Honrei-os e pedi aos santos que se dignassem a não privar o povo do seu amor e proteção.

Fui ao anfiteatro de Roma e vi a grande multidão de santos que ali sofreram o martírio. Meu Marido celestial estava presente na forma de um menino de doze anos. Os santos, cujo número é incalculável, foram divididos em coros e à frente deles estavam aqueles que os instruíram e deram força. Tinham na cabeça uma espécie de mitra, da qual saíam duas fitas que caíam pelas costas, e usavam longos mantos brancos decorados com cruzeiros. Entrei com eles, nas abóbadas subterrâneas, onde existiam ruas, salas, espaços circulares em forma de capelas, e onde se encontravam; em vários destes espaços existia uma coluna que sustentava a abóbada. Havia cavidades retangulares nas paredes e muitas vezes ossos nelas.

Enquanto os santos me conduziam de um lugar para outro, eles me disseram, ora um, ora outro, aquele que servia de guia nos diversos lugares: “Olha, aqui vivemos em tempos de perseguição; aqui ensinamos e celebramos os mistérios da redenção.”

Mostraram-me também longos altares de pedra quadrados que se projetavam da parede, e outros redondos com belos símbolos esculpidos, onde se celebravam os serviços divinos, e me disseram: “Então vivíamos nas trevas, sem pompa externa; mas a luz e a força da fé estavam conosco.”

Desta forma, falando comigo algumas palavras, ainda que poucas, cada um dos guias desapareceu com o seu respectivo coro dos locais onde estavam cumprindo seu dever. Às vezes saíamos para a luz e visitávamos outros subterrâneos; mas não conseguia compreender como existiam jardins e palácios no local onde estávamos sem que os seus habitantes nada soubessem, nem como tinham sido feitas aquelas escavações.

Finalmente, um homem idoso e meu jovem marido ficaram sozinhos em minha companhia.

Entramos num lugar muito grande, cuja forma não consigo determinar, pois não conseguia vê-lo com os olhos. No topo havia esculturas de todos os tipos, e a abóbada repousava sobre colunas. Lindas estátuas, maiores que as de tamanho natural, jaziam no chão. O espaço estreitava-se de um lado formando um ângulo, no qual havia, separado da parede, um altar e atrás dele, estátuas encostadas na parede. Também vi tumbas esculpidas nas paredes e nelas ossos que não brilhavam. Nos cantos havia pilhas de pergaminhos, do tamanho de um côvado de comprimento e um pouco mais curtos, grossos como um rolo de pano. Achei que eram livros. Vendo tudo isso tão bem conservado e aquele espaço tão limpo, disse para mim mesmo: “Você viveria aqui muito feliz, visitando esses lugares e colocando as coisas em ordem”. Acima havia muros, jardins e um grande palácio. De repente me ocorreu a ideia de que talvez aquele subsolo seja descoberto um dia como resultado de alguma grande destruição. Se eu estivesse lá, acho que encontraria;

Você pode entrar sem derrubar nada. Nada me foi dito ali; Eu só tive que ver o que estava lá, não sei a causa. O velho desapareceu. Ele tinha uma mitra parecida com as anteriores e uma barba muito longa. Depois, o jovem me levou para casa.

Lugares de relíquias esquecidas

(1820) Fui novamente levada a inúmeros lugares onde repousavam relíquias escondidas e enterradas, completamente ignoradas. Estive dentro de cavernas, entre poeira e degradação, nas abóbadas de igrejas antigas, em sacristias e túmulos, e honrei os corpos esquecidos e dispersos dos santos. Vi que eles eram resplandecentes, frutíferos em bênçãos, e que o esquecimento deles crescia à medida que crescia a decadência. Vi as igrejas construídas sobre eles ficarem desertas e obscurecidas à medida que deixavam de ser honradas; e que o culto aos santos e às relíquias diminuiu na mesma medida que o culto ao Santíssimo Sacramento diminuiu. Vi como é ruim receber o Santíssimo Sacramento apenas por hábito externo. Para expiar tal esquecimento e desprezo tive que sofrer graves penalidades. Na Igreja espiritual foi-me mostrado o valor e os efeitos das relíquias sagradas que agora jazem desprezadas na terra.

Uma igreja espiritual onde as maiores relíquias estão reunidas

Eu vi uma igreja octangular. Não havia altar nela; mas no centro, sobre um candelabro de muitos braços, estavam reunidos os tesouros desta igreja, como ramos de flores que se abriam. Vi que aquelas coisas sagradas foram dispostas e ordenadas pelos mesmos santos que as reuniram, como preciosos ornamentos que cresciam incessantemente no candelabro. Os santos que traziam algum tesouro ocupavam o seu lugar nas instalações da igreja e muitas vezes os seus próprios restos mortais eram trazidos por outro santo que chegava mais tarde. Vi os discípulos carregando a cabeça de São João Batista; e a Virgem Santa trazendo vasos com o sangue de Jesus. Eu vi esses copos de cristal e em um deles o sangue ainda brilhante e límpido. Tudo estava em lindos relicários, semelhantes aos que as igrejas contêm relíquias sagradas. Vi homens e mulheres santos do tempo da Santíssima Virgem deixando ali relíquias desta grande Senhora em vasos preciosos; Foram colocados em local preferencial, à direita, no centro do relicário. Então vi uma cruz, como costumo ver, sendo levada para dentro da igreja por uma mulher coroada e suspensa no centro sobre as relíquias de Maria. Os três pregos e a tábua que servia de apoio aos pés do Senhor e à inscrição foram cravados na cruz. Vi ao redor da cruz todos os instrumentos da paixão muito bem dispostos: a escada, a lança, a esponja, a cana, os chicotes, a maça, a coluna, as cordas, o martelo e outros. A coroa de espinhos pendia do centro da cruz.

Durante a tradução e exposição destes objetos sagrados tive constantemente visões, fora da igreja, de locais próximos e remotos, onde existiam alguns destes instrumentos da paixão e sabia com certeza interior que algumas das coisas que vi estavam bem preservadas e foram reverenciados. Grande parte da coroa de espinhos estava preservada em vários lugares. Eu vi que a partícula da lança que possuo é verdadeiramente da haste da lança sagrada. Vi em inúmeras direções, em altares, em igrejas, em abóbadas, em paredes em ruínas, acima ou abaixo da terra, fragmentos daqueles ossos sagrados e relíquias que estavam expostas na igreja espiritual. Vi também alguns cálices e cibórios com hóstias consagradas e corporais mergulhados no santíssimo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo trazidos à igreja pelos Bispos. Tudo isso foi colocado no topo da cruz.

Depois vieram os ossos dos primeiros mártires e dos apóstolos, e foram colocados aos pés da cruz. Depois as relíquias de exércitos de mártires, sacerdotes, confessores, papas, virgens, eremitas, monges, etc., que eram expostas em belos vasos, em caixas muito bem decoradas, em relicários em forma de torres e em admiráveis adornos de joalheria.

Finalmente, uma montanha de tesouros formou-se ao pé da cruz e a cruz foi subindo à medida que a montanha crescia, até chegar a uma espécie de Calvário resplandecente. Os portadores das relíquias eram aqueles que as exaltaram e veneraram na terra e, na maioria das vezes, aqueles cujos restos mortais seriam posteriormente venerados. Todos aqueles cujas relíquias ali estavam presentes eram vistos dispostos em coros, segundo sua categoria e status, e com eles a igreja se enchia cada vez mais. Acima deles o céu aberto brilhava e tudo parecia cheio de glória, pois era a Jerusalém celestial. As relíquias foram cercadas pelas cores da glória de seus respectivos santos. Os santos também brilhavam com essas cores, e assim mantinham uma relação admirável com seus ossos e seus ossos com eles.

Abandono geral de relíquias em nossos tempos

Depois vi muitos homens esplendidamente vestidos aproximarem-se daquela igreja e cercá-la, venerando-a, pelo lado de fora. Vi estes homens vestidos com trajes de todas as épocas, desde as mais remotas até as nossas. Todos honraram justamente os santos e suas relíquias, como membros do corpo de Jesus Cristo, vasos santificados da graça divina, por meio de Jesus e em Jesus. Vi quão beneficentemente os santos trabalharam nesses homens, espalhando prosperidade e bênçãos sobre eles, como o orvalho do céu.

Fiquei feliz porque nos últimos tempos vi em alguns lugares pessoas, que conheço em parte, que honram com simplicidade as santas relíquias. A maioria dessas pessoas eram agricultores, que honravam as relíquias na igreja com uma franqueza infantil. Com grande alegria vi, entre eles, meu irmão, que simplesmente venerava as sagradas relíquias dos santos, que enviavam bênçãos sobre seus campos.

Vi também, sob o símbolo de uma igreja em ruínas, o estado atual da veneração das relíquias. Vi as relíquias abandonadas, espalhadas, cobertas de poeira, entre lodo e enchentes; mas mesmo assim vi que espalhavam luz e bênção. Vi a mesma igreja no mesmo estado lamentável das relíquias. Muitas pessoas entraram, mas rodeadas de escuridão; apenas um ou outro simples parecia resplandecente. Os piores foram muitos sacerdotes, que estavam rodeados pela escuridão, sem conseguirem dar um passo à frente. Parecia que nem teriam encontrado a porta se, apesar da sua indignidade, alguns raios tênues não os tivessem alcançado, saindo das relíquias e penetrando na escuridão.

Vi imagens da história da veneração das relíquias.

Vi altares erguidos sobre as relíquias, que pela veneração que lhes era prestada tornaram-se capelas e igrejas, que mais tarde vieram à terra pelo desprezo com que as próprias relíquias eram tidas.

Vi que numa época em que tudo era treva e escuridão, as relíquias foram espalhadas e os relicários de metais preciosos foram derretidos e convertidos em dinheiro. Vi que a dispersão de relíquias é um mal maior do que a alienação de relíquias. As igrejas onde as relíquias foram espalhadas e não receberam a devida homenagem, vi muitas delas decaírem e serem destruídas. Estive em Roma, em Colônia e em Aachen e vi grandes tesouros guardados com grande veneração.

Reconhece verdadeiras relíquias e explica a relação da alma com o corpo dos santos

Certa vez, quando lhe foram apresentadas algumas relíquias, Ana Catalina declarou:

Eu vejo o que você me dá. Não consigo descrever a impressão que isso causa em mim. Vejo e não só vejo, mas sinto uma luz como um fogo-fátuo, às vezes mais clara, outras vezes mais pálida, e sinto que essa luz me envolve como uma chama que se move com o impulso do vento. Vejo também a relação desta luz com um corpo luminoso, e deste corpo com um mundo de luz que surge de uma luz.

Relíquias de São Pedro, Lázaro, Marta e Madalena

Irmã Söntgen trouxe para Ana Catalina um pacote contendo relíquias. Ele pegou nas mãos e disse:

Este é um grande tesouro; Aqui dentro estão relíquias de São Pedro, sua enteada Santa Petronila, São Lázaro, Marta e Madalena. Este tesouro já chegou há muito tempo de Roma. Isto acontece com relíquias que já não estão na posse da Igreja, mas de particulares. Este relicário foi herdado, doado, jogado entre objetos antigos e de pouco valor, até que por acaso chegou às mãos da Irmã Söntgen. Tenho que me interessar para que essas relíquias sejam dignamente honradas.

A respeito deste assunto, a vidente narrou que uma mulher hebréia havia encontrado um pequeno relicário entre diversas peças de roupa compradas. A partir desse momento ficou tão preocupada que decidiu enviá-lo para Ana Catalina, que tinha visto tudo o que aconteceu em visão, e sorriu quando o precioso relicário lhe foi trazido.

Testes com relíquias falsas. Rainha Semíramis

Um pároco que se mostrou incrédulo quanto ao reconhecimento das relíquias, enviou três envelopes lacrados contendo fragmentos de ossos para Ana Catalina, através de Cristiano Brentano. A vidente pegou um deles e disse o seguinte:

Vi ao longe tumbas escuras e desertas, com ossos negros; Não senti nada sagrado e santo. Eu vi o padre pegar fragmentos daqueles ossos.

Então me encontrei em uma capela escura em uma colina. Ao redor havia frio, neblina e escuridão. Meu guia me deixou ali e vi uma figura muito atrante e benevolente se aproximando de mim. A princípio pensei que fosse um anjo; mas logo senti medo e fui tomado por um sentimento de terror. Perguntei à sombra: “Quem é você?...” A aparição me respondeu com duas palavras em língua estrangeira. Durante toda a manhã não consegui entender o significado e fiquei admirada. Agora entendo essas palavras; Eles significam: Destruidor da Babilônia, Sedutor de Judas. Aquela sombra também me disse: “Eu sou aquele espírito que elevou a Semíramis babilônica e formou seu império; sou também aquele que deu origem à tua redenção, pois fiz Judas trair e mandei prender Ali!...”.

Ele não nomeou Cristo. Ele me disse as duas coisas como se quisesse dizer que havia feito ações extremamente boas. Fiz o sinal da cruz na testa com o tronco da santa cruz. Então sua aparência tornou-se horrível e, com rugidos de raiva, ele me repreendeu por ter levado embora uma jovem que ele havia conquistado para si. Finalmente ele desapareceu proferindo ameaças terríveis.

Quando ele pronunciou aquelas palavras estrangeiras, vi a jovem Semíramis, como uma menina à sombra de belas árvores, e vi esse mesmo espírito diante dela apresentando-lhe todos os tipos de frutas. A garota olhou corajosamente para o rosto dele. Eu vi algo nela que me enojou. Tinha uma aparência muito bonita, mas me pareceu que suas formas terminavam em garras e como se estivesse toda coberta de espinhos. Vi que ele cuidava da menina e lhe dava brinquedos e ninharias. Ao redor era possível ver uma bela região: lojas, lindos prados, manadas de elefantes e outros animais liderados por pastores. Vi de relance como Semíramis ficou furiosa contra aquela raça piedosa de pessoas que Melquisedeque conduziu para fora de seu domínio. Vi quantas abominações Semíramis cometeu e como ela era, mesmo assim, adorada como uma deusa.

Pela segunda palavra que aquele espírito pronunciou vi Jesus no Monte das Oliveiras, a traição de Judas e toda a paixão de Nosso Senhor.

Eu não conseguia entender como e por que esse espírito havia aparecido para mim. Talvez estes ossos pertençam a alguns pagãos e assim o inimigo teve o poder de se aproximar de mim. Fui severamente proibida pelo meu guia celestial de tocar até mesmo num fragmento daqueles ossos. "Eu te ordeno, ele me disse, em nome de Jesus.

Há uma séria tentação e traição nisso. Você pode sofrer perdas e danos graves devido a isso. As pérolas não devem ser atiradas aos porcos; isto é, para aqueles que não acreditam. As pérolas devem estar ligadas ao ouro. Continue a reconhecer os ossos, mas apenas aqueles que lhe são enviados pela vontade de Deus".

Tendo recebido certas relíquias enviadas por um padre da Suíça, Ana Catarina disse:

Não vi nenhuma imagem precisa sobre essas relíquias. Vi que o padre que os enviou era bom e piedoso; mas vi que na sua comunidade havia pessoas que se inclinavam para um pietismo falso e não católico. Ele não sabia distingui-los e os considerava muito bons. Vi que essas pessoas espalhavam escuridão e trevas: não aderiam aos costumes da igreja e não os apreciavam. Por outro lado, ainda não revelaram seus sentimentos e tudo ainda permanecia segredo de seus corações. Neste momento ouvi uma voz perto de mim repetindo: "Você se esquece de nós". Foi um aviso dos outros ossos. Fui avisado novamente para não receber ossos de estrangeiros, mas primeiro examinar completamente minhas antigas relíquias e evitar receber relíquias para reconhecer, mesmo quando elas me fossem enviadas por sacerdotes sagrados, pois isso poderia advir de grandes danos.

Recebe relíquias desconhecidas novamente

Esta severa proibição foi violada pelo Peregrino, que, para fazer um favor a uma amiga, passou para as mãos da vidente as relíquias que ela acreditava serem provenientes dos relicários do seu armário. No dia seguinte ele narrou o seguinte:

Meu guia me repreendeu severamente e me puniu porque, contra sua proibição, recebi e retive as relíquias. Esqueci completamente o que vi sobre isso. Ele me avisou novamente que agora não é hora de reconhecer ossos estranhos. Esta ideia de receber relíquias sem reflexão poderia facilmente confundir-me: distinguir e reconhecer relíquias não é algo que se possa fazer por capricho. É uma graça e chegará o momento em que terei que reconhecer outros ossos, além dos que já possuo.

Ele também me disse que eu deveria pensar na história do pequeno pacote. Ele me lembrou que eu tinha visto a respeito do padre... um quadro em que o dito padre dizia levemente que não havia nada de verdade em tudo o que se dizia sobre

mim, no que diz respeito ao dom de reconhecer relíquias; que eu deveria pensar no que aconteceu por causa de sua maneira de proceder. Ele me disse que eu deveria, por enquanto, recusar receber e reter tais ossos, além daqueles que me pertenciam.

Ela é testada novamente no dom de reconhecer relíquias

Um amigo do Peregrino quis tentar novamente, pensando que o dom de reconhecer relíquias poderia ser um fenômeno de magnetismo. Ana Catalina disse:

O julgamento do seu amigo sobre mim e os fenômenos observados em mim é falso. Por esta razão fui absolutamente proibido pelo meu guia de receber qualquer relíquia sagrada, uma vez que tal pessoa não tem outra intenção senão fazer tentativas. Disseram-me que por causa desses testes posso cair em sérias confusões, pois ele então fala dessas coisas com outras pessoas tentando demonstrar coisas completamente estranhas à realidade. As coisas não acontecem como ele as imagina em relação ao dom e ao poder de reconhecer relíquias que me foram concedidos. Vejo através de sua opinião falsa quando ele fala e essa opinião é completamente imprecisa em relação às minhas coisas. Sobre isso há muito tempo fui informada e avisada em visão.

Vê vários santos e mártires

(31 de dezembro de 1818) O Peregrino relata que a freira Neuhaus entrou na sala carregando um pacote que colocou sobre a mesa. Ana Catalina disse-lhe:

Ah, você tira o tesouro do seu quarto e deixa a poeira lá. Aqui está Ludgário; está aqui.

Depois, dirigindo-se ao Peregrino, acrescentou:

Vi ao redor dessas relíquias uma aparência de luz, um esplendor tão cômico quanto leite, mais brilhante e muito mais intenso que a luz do dia. Quando um pequeno fragmento caiu no chão, vi um flash de luz passar por baixo do armário.

O Peregrino explicou: “Eu, pobre cego, procurei aquela partícula e a encontrei. A vidente continuou:

Quando o Peregrino começou a olhar para aquela relíquia, senti-me arrebatado em êxtase e uma voz me disse: “Este é um osso de Ludgário. Imediatamente vi o santo Bispo com a sua insígnia e o seu cajado pastoral no meio da comunidade” dos santos. Então muitos santos me foram mostrados, um após o outro, e Santa Escolástica e muitas outras freiras, pois sobre a mesa havia um fragmento de seus ossos.

Vi Afra no meio das freiras e abaixo, um osso, perto do Peregrino. Outra freira me foi mostrada entre as outras e me disseram: “Esta é Emerência e abaixo você tem o osso dela”. Fiquei maravilhada, pois nunca tinha ouvido esse nome ser pronunciado. Então vi outra freira com uma coroa de rosas na cabeça, que segurava à sua frente, com as duas mãos, outra coroa de rosas. Disseram-me: “Esta é Rosalía, que tanto fez pelos pobres. Ela tem nas mãos esta coroa de flores como em outros tempos tinha as esmolas que distribuía, e há um fragmento de seus ossos”. Então vi outra freira brilhando no meio da multidão e me disseram: “Esta é Ludovica e ali está sua relíquia. Vejam como ela distribui esmolas. Ela estava com seu avental cheio de pão, que distribuiu para muitos pobres”. Vi um bispo e me disseram que ele viveu na época de Ludgário e que eles agiram de acordo e se conheciam, embora estivessem

muito distantes um do outro. Vi uma virgem que viveu no mundo, ainda muito jovem, com roupas da Idade Média, embora puramente aéreas e espirituais; estava no meio de outras virgens abençoadas. Que maravilha! Seu corpo foi encontrado inteiro e incorrupto; Sua santidade foi reconhecida e seus ossos e relíquias foram colocados com os outros santos.

Vi um túmulo aberto, que já havia sido murado, e um pouco mais além, nos primeiros dias do cristianismo, um jovem delicado, e ao lado dele seis outros com uma mulher. Disseram-me o nome de Felicidade e me mostraram um quadrado quase redondo, com paredes sustentadas por arcos, e me disseram: Ali, naquelas cavernas, estavam as feras ferozes; e lá embaixo, naquelas prisões, do outro lado, os mártires eram prisioneiros, amarrados com correntes, para depois serem destruídos pelas feras. Também vi pessoas que vinham à noite, cavavam e levavam os ossos dos mártires. Disseram-me: “Eles fazem isso secretamente; são amigos dos mártires, e por isso estes ossos sagrados chegaram a Roma e depois foram distribuídos.

Presença de martírios no anfiteatro romano

Uma semana depois, o Peregrino apresentou as relíquias que ainda permaneciam na caixa trazida pelo jovem Neuhaus. Ana Catalina disse:

Vejo Isabel da Turíngia com uma coroa numa mão e um cesto na outra.

Rosas douradas caem da cesta sobre um homem pobre que estava embaixo dela. Aqui está Bárbara. Vejo-a com uma coroa na cabeça e um cálice com o Sacramento na mão. Olhando para várias relíquias, a visionária acrescentou: São ossos recolhidos em Roma, onde os cristãos foram martirizados.

Depois sentiu-se transportada em êxtase e descreveu ao Peregrino os lugares e os tormentos dos mártires; Ele nomeou as partes dos ossos, distribuiu-as e deu-as ao Peregrino, e depois classificou-as. No final destas visões ela perguntou ao seu guia celestial como haviam chegado aquelas relíquias. Ele respondeu:

Elas foram desenterradas há muito tempo dos lugares do martírio e, passando de um lugar para outro, acabaram em Münster; mas ali elas foram retidas devido a alguns novos acontecimentos e no final ficaram completamente isoladas. Ana Catalina continuou:

De repente, encontrei-me numa cidade estranha e maravilhosa, na superfície alta de um muro circular que cercava um quadrado redondo. Eu estava acima da entrada, de onde saíam, à direita e à esquerda, escadas internas; De um lado haviam prisões, cujas portas davam para a praça; Do outro lado, certos espaços onde as feras ficavam aprisionadas. Atrás deles havia certos ângulos por onde as vítimas eram arrastadas quando abriam as portas para as feras. Em frente à entrada, junto ao muro, erguia-se na praça um assento de mármore, ao qual se chegava por duas séries de degraus laterais.

Ali estava sentada a esposa do ímpio Imperador e ao lado dela, outras duas mulheres de aparência tirânica. Atrás desta tribuna, no topo, estava sentado um homem que parecia ter poder e comando; Ele acenou de um lado para o outro dando ordens. Uma das tocas das feras foi aberta e saiu uma fera semelhante a um enorme gato cheio de manchas. Os algozes ficavam atrás das portas e abrigavam-se nas cavidades; então subiram as escadas correndo e ficaram no topo do anfiteatro. Os algozes tiraram uma virgem das prisões da frente, removendo-lhe as vestes brancas. Ela brilhava como todos os mártires e estava calma, com os olhos erguidos e as mãos cruzadas sobre o peito, sem a menor preocupação, no meio do

anfiteatro. A besta não o machucou; antes, ela se humilhou diante dela; Então ela se levantou, atirando-se contra os algozes, que com pedras e gritos tentaram enfurecê-la contra a mártir.

Como a besta não quis atacar a virgem, foi retirada; Não sei como isso aconteceu, mas a fera estava trancada. A donzela foi então levada para outro local destinado aos mártires, rodeado apenas por paliçadas. Lá ela foi colocada sobre uma pedra, amarrada a um poste, com as mãos atrás das costas, e decapitada. Ela estendeu os braços para trás. O cabelo dela estava entrelaçado; Ela era extremamente graciosa e não havia nenhum sinal de angústia ou medo nela.

Então um homem foi conduzido ao anfiteatro; Tiraram-lhe a capa, deixando-a apenas com um vestido que chegava aos joelhos. As feras não o machucaram e ele também foi decapitado. Ele foi, como aquela virgem, jogado de um lado para o outro com varas de ferro afiadas. Estes martírios eram tão perturbadores e ao mesmo tempo causavam tanta alegria; eram tão sérios e, no entanto, comoviam e emocionavam com tanta força que o espírito se entristecia e deplorava não estar sempre presente em tais cenas. Os algozes ficavam por vezes tão fortemente comovidos pelo magnífico comportamento dos mártires, que corriam para eles e os abraçavam, confessando em alta voz a Cristo Jesus; e eram frequentemente atormentados juntamente com os mártires.

Vi um mártir no anfiteatro; Uma leoa caiu sobre ele, arrastou-o de um lado para o outro e depois o despedaçou. Vi muitos morrerem queimados dentro de outro anfiteatro e, com um dos mártires, vi as chamas correrem em direção aos algozes e queimarem muitos. Vi ser martirizado um sacerdote que secretamente ajudou e consolou muitos mártires; Estava nas mãos de dois algozes que, começando pelos pés, cortaram-no membro por membro e, mostrando-os, perguntaram-lhe se queria retratar-se. O mártir, embora fosse apenas um tronco, estava cheio de alegria e continuou louvando a Deus, até que lhe cortaram a cabeça.

Verificações curiosas no reconhecimento de ossos

(9 de maio de 1820) O Doutor Wesener havia retirado um fragmento de crânio de um sarcófago pagão e, através do Peregrino, colocou-o na cama da dante, que estava em êxtase. Ela não deu nenhum sinal de reconhecê-lo. Mudando de lugar várias vezes, ela finalmente disse: "O que aquela velha Rebeca quer comigo?"

O Peregrino aproximou o objeto de sua mão e ela o retirou, dizendo que estava sendo perseguida por uma mulher velha, morena e selvagem, que circulava ao seu redor com crianças nuas como girinos; que sentiu horror ao olhar para eles, porque a assustavam; que ela tinha visto pessoas semelhantes no Egito, mas não sabia o que queriam com ela agora. Como não retiraram o objeto, ela, sempre em êxtase, pegou a caixinha de suas relíquias e, colocando-a sobre o peito com as duas mãos, disse: "Agora aquela mulher não pode me machucar". Depois continuou com a cabeça até o local onde o Peregrino colocou o osso pagão. Depois de expulsá-lo, disse que ela se escondera para evitar a visita dos santos. O confessor colocou seus dedos consagrados diante dela, e ela os seguiu com o movimento da cabeça. Perguntado: O que é isso? Eu respondo: É algo maior do que você entende.

O Peregrino então se aproximou do osso de um animal que o Dr. Wesener havia encontrado na margem do rio Lipa. Ela disse imediatamente: "Isso pode estar aqui sem nenhum inconveniente; não faz mal; é um animal bom e não cometeu nenhum pecado." Então, referindo-se ao objetivo anterior, ela disse ao Peregrino: "Vá com isso"; Livre-se daquela velha; esteja atento a ela; Isso pode causar muitos danos." Ele repetiu isso várias vezes enquanto estava em êxtase.

No dia seguinte a conversa voltou ao assunto e ela disse ao Peregrino que era muito inconveniente presenteá-la com ossos pagãos que lhe despertavam impressões sinistras.

Aquele osso pagão me enojou, despertando meu aborrecimento e aversão. Não posso afirmar que esta mulher tenha sido condenada; mas senti naquele osso escuro, distância de Deus, um propagador das trevas, um gerador das trevas, precisamente tudo o que é oposto ao efeito dos ossos dos Santos, que são luminosos, atraentes e benéficos. Já vi aquela velha olhar em volta com medo; Pareceu-me que estava ligada a poderes obscuros e que poderia causar muitos danos. Tudo estava escuro ao seu redor. O espaço parecia uma floresta ou um prado; mas ali estava tudo escuro, não como a noite, mas como vejo a escuridão espiritual das más doutrinas, a ausência e o distanciamento da luz do mundo devido à relação com a área das trevas. Eu a vi sozinha com seus filhos. Ao redor deles havia cabanas miseráveis, de vários formatos, escavadas no chão e cobertas por uma espécie de telhado; alguns eram redondos e tinham telhados de grama; outros, quadrados, com telhados de junco trançado. Vi algumas casas um pouco mais altas, poucas, de formato nítido, compostas em ordem. Entre essas cabines vi vias de comunicação, cobertas por fora. Esta ação desagradável resultante de ossos ruins pode causar danos às pessoas se elas os usarem como meio profano e supersticioso; As pessoas que os utilizam podem participar, sem saber, das emanações desses ossos, pois dão origem a uma certa comunicação entre eles e os ossos. Da mesma forma, exigem a participação nas bênçãos e nos efeitos da graça que emana de tudo o que é redimido e santificado, através da veneração dos ossos dos santos.

Visão de relíquias roubadas

(16 de dezembro de 1820) Tive uma clareza maravilhosa quanto ao reconhecimento das relíquias. Vi todas as coisas como se estivessem ao meu redor. Vi muitas igrejas no Reno e uma imagem onde uma carruagem foi surpreendida por ladrões, e uma pequena caixa contendo relíquias foi jogada num campo e encontrada por outros. O proprietário, que passou por aquele local, não os encontrou. Essas relíquias permaneceram no país onde foram encontradas. Nesta caixinha vi os ossos que um amigo trouxe junto com outros; mas não me atrevo a nomeá-los ou dizer que relíquias são. Esse amigo (do Peregrino) deve esperar e, sobretudo, mudar a forma de proceder. Ele é surpreendentemente longo e alto; A fé também é como a sua natureza, alta e longa, mas muitas vezes deve passar por uma pequena abertura, como a de uma chave. O amigo, no que diz respeito à minha pessoa e ao meu destino, ainda está teimosamente no erro.

Ela anuncia que reconhecerá muitas relíquias

(21 de dezembro de 1820) Ana Catalina anunciou que no dia de São Tomé reconheceria muitas relíquias. O Peregrino encontrou-a naquele dia com a caixa das relíquias sobre a cama. Em visão, durante a noite, ele distribuiu aqueles ossos e cobriu as paredes internas da caixa com pedaços de seda. Ele havia encomendado especialmente as cinco relíquias de Tiago, o Menor, Simão, o Cananeu, José de Arimateia, Dionísio, o Areopagita e um discípulo de São João Evangelista, chamado Eliud.

Tive uma noite brilhante. Conheci o nome de todas as relíquias aqui encontradas e vi as viagens dos apóstolos e discípulos cujas relíquias possuo. Quanto a São Tomás,

vi uma imagem festiva e muito solene. Vi também como estas relíquias chegaram aqui a Münster, como um bispo estrangeiro as reuniu e como chegaram às mãos do bispo desta diocese. Já vi tudo com seus nomes e suas épocas. Confio no Senhor que tudo isso que vi não se perderá. Obtive permissão para revelar ao meu confessor os nomes das relíquias que o amigo trouxe para que o confessor possa declará-las a ele; mas não me é permitido dizer esses nomes. Ah! Achei que poderia lhe contar os nomes de todas as relíquias! Já estava com eles na ponta da língua para dizê-lo, quando de repente uma mão cândida e luminosa saiu do lado direito do armário, que fica ao meu lado, e me fechou a boca, e não me deixou dizer os nomes. Isso aconteceu tão repentina e surpreendentemente que quase ri.

Poucos dias depois, uma cena semelhante foi renovada:

Tive novamente um grande desejo de nomear aqueles santos em cujos ossos tanto descontentamento havia surgido. Mas quando eu estava prestes a falar, ouvi batidas no meu armário e foi impossível pronunciá-las; Eu ainda não os conhecia. Não posso dizê-las nem ousaria. Já tive a palavra na ponta da língua diversas vezes; mas não posso pronunciá-lo, e esta impossibilidade não está na minha vontade.

Tanto o confessor como o amigo ouviram as batidas no armário sem saberem explicar. O confessor disse: “Acredito que o diabo não se atreverá a fazer um dos seus”. Ana Catalina, tirando uma relíquia do armário, disse: “É aquele santo cuja relíquia o amigo do Peregrino trouxe”.

Reconhece diversas relíquias

(18 de janeiro de 1821) O confessor presenteia Ana Catalina com um pequeno pacote contendo vários objetos.

Quem é aquela pequena freira que se encontra num estado tão miserável? O padre confessor nada me contou sobre ela. Ele deveria ir até ela porque ela está em um estado mais digno de compaixão do que o meu; Está como se estivesse no meio de espinhos afiados.

A enferma tinha se visto. Mais tarde soube-se que o pequeno pacote continha o cabelo de Anne Catherine, que o Abade Lambert havia recolhido para enviar a um amigo em Paris. Uma vez reconhecida a relíquia de um santo Papa, os dons do nome foram esquecidos. Apresentada novamente, ela disse imediatamente: É do Papa Bonifácio.

Entre as catacumbas

Desci às catacumbas e vi diante de mim uma mesa iluminada, e muitos homens e mulheres, ajoelhados, rezando. Um padre rezou em voz alta, outro irritou-se com um turíbulo. Parecia que todos estavam oferecendo alguma coisa, colocando a oferenda em um copo que foi colocado sobre a mesa. Essas orações foram preparatórias para martírios iminentes. Mais tarde vi uma mulher nobre exposta no anfiteatro com três filhas, de dezesseis a vinte anos. O juiz presidente não era o mesmo de antes. Muitas feras foram soltas e lançadas contra os mártires; mas elas não os machucaram; Em vez disso, elas lambeam amigavelmente a mais jovem das virgens. Eles foram levados perante o juiz e levados para outra praça menor. A mais velha das jovens foi primeiro queimada com tochas negras debaixo dos braços, nos seios; Em seguida, o resto do corpo foi cortado em pedaços com uma pinça e levado perante o juiz. Ela nem sequer olhou para ele, mas olhou para as irmãs que estavam sendo atormentadas. Depois de todos terem sido atormentados desta forma, foram

decapitados enquanto estavam sentados, e por último a mãe, que havia sofrido tormentos horríveis ao ver suas filhas serem martirizadas. Vi também um Santo Pontífice traído, tirado das catacumbas e martirizado. Um dos romanos, o mais furioso dos perseguidores, declarou-se partidário dos cristãos e também foi martirizado. Senti um desejo tão veemente de martírio que gritei alto invocando-o; mas me disseram: "Cada um tem seu próprio caminho. Só suportamos o martírio uma vez; você, por outro lado, será martirizada constantemente. Tivemos apenas um inimigo; você tem muitos."

Sensação ao ver as relíquias

Mais tarde, o Peregrino presenteou-a com várias relíquias. Ana Catalina colocou-as, uma após a outra, no seu coração; Ele separou alguns como não autênticas, e das demais disse:

São tão magníficas! Não é possível dizer o quão lindas elas são!

Questionada sobre seus próprios sentimentos ao ver as relíquias, ela disse:

Eu vejo e sinto a luz. É como um raio, como uma flecha que me penetra e me leva consigo; então sinto a dependência e correlação desse raio de luz com aquele corpo luminoso do qual ela deriva, e diante de mim são apresentadas as imagens da vida terrena desse corpo luminoso e seu lugar nos coros da Igreja triunfante. Existe uma relação maravilhosa entre o corpo e a alma, relação que não cessa nem com a morte, de tal forma que os espíritos bem-aventurados não deixam de agir sobre os fiéis através de cada partícula do seu corpo. No dia do julgamento será muito fácil para os anjos separarem os bons dos maus, pois tudo será luz e trevas.

Descobre uma relíquia de Santo Inácio

(31 de julho de 1821) Ele havia separado, em visão, entre centenas de relíquias, uma de Santo Inácio de Loyola.

Sinto uma necessidade interior de olhar para estas relíquias; Eu tinha um desejo ardente, eles me atraíram. Reconhecê-las e distingui-las é fácil; Eles espalham luzes diferentes. Vejo pequenas imagens, como se fossem retratos dos rostos das diferentes pessoas a quem pertencem aquelas relíquias; Fios de luz emergem dos fragmentos ósseos e se unem a essas imagens. Não consigo expressar, é uma coisa maravilhosa; É como se algo estivesse encerrado em nossa individualidade e quisesse sair. Tudo isso é muito cansativo e no final você perde as forças.

Explica como reconhecer relíquias

O vigário Hilgenberg trouxe-lhe duas longas tiras de pano, às quais estavam presas várias relíquias. Ana Catalina emocionou-se e disse:

Vejo muitas dessas relíquias adornadas com um halo de luzes de diversas cores, emitindo luzes. Paro com meu olhar. Dentro de cada um deles aparece uma pequena imagem, que vai crescendo, e eu entro nela. Vejo então o rosto, a forma, o vestido e todo o modo de ser e vejo a vida, o nome e a história do dito santo. O nome, se for de santos, sempre vejo debaixo dos meus pés; Nas mulheres vejo localizado no lado direito. Esses nomes não estão escritos inteiramente, mas apenas as primeiras sílabas. Os demais são pronunciados ou compreendidos internamente.

As letras têm a mesma cor da luz da relíquia e da auréola do santo a que pertencem. Parece que estes nomes são algo essencial, como se tivessem substância; Há um mistério nisso. Quando vejo os Santos, não em relação à distinção das relíquias, mas em geral, vejo-os também distribuídos em ordens e coros, segundo os seus méritos e vestimentas, os seus graus e condições. Estas vestimentas são algo essencial com as vestimentas da Igreja celestial e não com as do tempo transitório. Depois vejo todos os bispos, os papas, os mártires, os consagrados e ungidos, os reis, as virgens e os outros com as vestes próprias do reino dos céus, sempre com a auréola da glória. Os sexos não estão separados. As virgens têm um grau místico muito diferente. Vejo as virgens que eram virgens por desejo e vontade; Entre eles estão mulheres casadas e mártires, contra quem a violência foi cometida pelos algozes.

Não vejo Madalena entre as virgens, embora ela esteja num grau muito elevado. Ela era alta, bonita e tão enérgica que se não tivesse se convertido a Jesus, teria sido um monstro do mal feminino. Ela obteve um grande triunfo sobre si mesma. Às vezes não vejo nos santos nada mais do que a cabeça rodeada de brilho; outras vezes, até o peito. A luz que eles difundem é de uma cor diferente. Nas virgens e naqueles que viveram pacificamente, cuja luta consistiu apenas na paciência necessária nas tribulações diárias e nas tristezas domésticas, esse brilho é branco como a neve. O mesmo se aplica aos jovens, que muitas vezes vejo com lírios nas mãos. Vejo aqueles que foram martirizados por sofrimentos secretos e íntimos pelo amor de Jesus Cristo brilhando em um vermelho pálido. De um vermelho deslumbrante é a luz dos mártires que carregam uma palma. Vejo os doutores e confessores rodeados de uma esplêndida luz amarela e verde, carregando ramos ondulantes nas mãos. Vejo os santos mártires com uma natureza de glória diferente, de acordo com o grau de seus tormentos. Entre as relíquias aqui encontradas, vejo algumas que se tornaram mártires através do martírio interno da alma, sem derramamento de sangue.

Conta como ela vê os anjos

Vejo os anjos sem auréola. Vejo-os em forma humana, com rostos e cabelos; mas muito mais esguios, nobres e com rostos mais finos e inteligentes do que as criaturas humanas. Vejo-os transparentes, todos leves, com graus diferentes um do outro. Vejo os seres humanos que alcançaram a beatitude celestial envoltos numa luz corpórea, mais cândida que resplandecente, e ao redor deles vejo uma esfera luminosa, uma glória, uma aparência de santidade de diferentes cores, que estão em relação ao grau e espécie de suas purificações. Não vejo que os anjos mexam os pés, nem vejo isso nos santos, fora das imagens históricas, onde os vejo com vida humana ou em sua ação entre os homens. Vejo em todas estas aparições, no seu estado perfeito no céu, que nunca se comunicam por meio de palavras: um dirige-se ao outro e penetra-se intimamente; É assim que leem no outro o que pensam.

Ela tinha dois fragmentos ósseos de Santa Hildegarda, um maior que o outro. Um dia ela pareceu surpresa, como se alguém se aproximasse dela, e exclamou:

Quem se aproxima com um manto longo e sincero? É Hildegarda. Tenho dois ossos dela; O maior nunca vem até mim, o menor vem com frequência. O osso maior brilha menos, pois é de uma parte menos nobre (*). (Era de um fêmur). Os ossos são diversos em sua dignidade. Os vestidos que pertenceram a Santa Madalena antes da sua conversão brilham menos. Os membros de um santo, perdidos antes da sua conversão, são relíquias, como toda a humanidade antes da vinda de Jesus Cristo,

foi redimida por Ele. Os ossos que pertenceram às almas puras, modestas e fortes são sempre mais fortes e mais duros do que os ossos daqueles que foram abandonados às paixões. Os ossos dos tempos antigos são mais fortes e causam uma impressão mais agradável do que os ossos dos tempos posteriores.

O que Ludwig Clarus escreveu em seu livro *Briefe der H. Hildegard* (1-24) pode referir-se aos demais casos de reconhecimento de relíquias pela vidente: “O corpo de Santa Hildegarda ainda é encontrado em Eibingen em sua caixa. Corpo semelhante era possuído por Cristiano Brentano, que o deu ao irmão Clemente, que nesta época mantinha contato frequente com a freira Ana Catalina Emmerick, de Dülmen (1824), ouvindo e escrevendo as visões desta vidente. De uma carta de Cristiano Brentano, do início do ano de 1851, que tenho em vista, escrita a um amigo, transcrevo os seguintes parágrafos: “A freira Emmerick recebeu de mim, dada por Clemente, uma relíquia insignis que eu havia recebido, retirada do corpo de Santa Hildegarda. Não contei ao meu irmão Clemente nem à freira a quem pertencia aquela relíquia. Meu irmão, que havia deixado a relíquia durante a noite com Ana Catalina, disse-me na manhã seguinte que a relíquia devia ser a de Santa Hildegarda, pois a vidente esteve durante toda a noite em conversas e visões com esta Santa.

Reconhece as relíquias que o Peregrino lhe trazia

Certa vez, o Peregrino trouxe-lhe uma caixa com cinquenta fragmentos de relíquias mistas. Assim que as pegou e olhou para elas, começou a separá-las, percebendo de quem eram e a que parte do corpo pertenciam:

Estas estavam no fogo; Vejo que as procuraram no meio das cinzas.

Estas estavam na igreja de uma cidade; Vejo que eles as adornaram e purificaram.

Essas outras brilham com uma luz mais vívida. Estas brilham menos, e aqui está uma que brilha com uma luz dourada especial. Pára!

Dizendo isso, a vidente caiu em êxtase e disse: Vejo um velho oprimido pelo reumatismo, deitado numa maca em praça pública. Um bispo, com bastão pastoral, inclina-se sobre ele e apoia a cabeça nas costas. Homens carregando tochas estão presentes.

Ana Catalina disse mais tarde que o osso que brilhava dourado era daquele bispo, chamado Servulus. Ela também deu o nome de São Quirino, como se ali estivesse sua relíquia. Quando o Peregrino lhe presenteou com um pacote de relíquias pertencentes à casa ducal dos Dülmen, Ana Catalina separou os pedaços de pano dizendo:

Um santo usou isso; É o fragmento de uma estola. Este pano é de um ornamento de missa que tocou coisas sagradas.

Questionada sobre como o reconheceu, ela respondeu que no momento em que o pacote foi encontrado em seu quarto ela viu quatro santos ao seu lado cobertos com aqueles panos, que foram cortados e distribuídos. Questionada se também viu Santa Tecla, cuja relíquia ali estava, ela disse:

“Sim, vejo-a numa imagem como ela espia e ouve com atenção São Paulo, encerrado na prisão. Às vezes a vejo rastejando ao longo de uma parede; outros, sob um arco, como se procurassem algo com preocupação.

Quando o Peregrino lhe presenteou com um pequeno pedaço de tronco, ela disse: “Este fragmento é daquele tipo de tronco com que foi feita a cruz e que Maria tinha consigo em Éfeso; é um tronco de cedro. Esse fragmento de seda pertence a um pequeno manto, com o qual se vestiu uma estátua de Maria, é muito antigo”.

Em 6 de novembro de 1821, encontrou entre suas relíquias um fragmento de madeira que entregou ao Peregrino, dizendo:

"Isto foi levado, há muito tempo, por um eremita da Palestina.

Pertence a uma árvore plantada no jardim de um antigo essênio.

"Nesta árvore Jesus foi conduzido pelo tentador no final de seu jejum de 40 dias."

Ela deu ao Peregrino um pequeno pacote: Esta é a terra do Monte Sinai. Vejo-o perto daquela montanha. Depois, pegando outro osso: Este pertence a um santo cuja solenidade ocorre no mês de julho. Seu nome começa com E. Já o vi preso com outros dois que sugavam os ossos de fome. Levados ao martírio, por causa de seus maravilhosos discursos sobre Deus, consideraram-no louco e quiseram libertá-lo. Um soldado, porém, disse: "Vamos ver se ele é capaz de chamar o seu Deus do céu, porque então ele será digno de martírio como os outros". Este soldado foi ferido por um raio. Mais tarde vi o santo celebrando um culto na igreja e depois o vi martirizado.

História de uma cruz cheia de relíquias

(8 de novembro de 1819) O Peregrino deu-lhe uma cruz muito antiga, cheia de relíquias. Ao se aproximar de Ana Catalina, ela exclamou:

Eis que vem toda uma procissão de santos.

Abrindo a cruz, ele disse:

Aqui estão todos vocês. Entre eles; um Velho puro e sincero, como o eremita da Suíça.

O Peregrino deixou-lhe a cruz e ela disse no dia seguinte:

Quando esta cruz foi trazida para perto de mim, vi enfileirados, exatamente como aqui estão dispostas as relíquias, todos esses santos em forma de cruz no ar e abaixo deles uma região selvagem, cheia de florestas, um cerrado denso, e algumas pessoas, entre as quais um homem semelhante ao velho eremita da Suíça.

Então tive uma visão daquela cruz. Vi num pequeno vale, perto de uma floresta situada numa região montanhosa, não muito longe do mar, uma ermida onde viviam isoladas seis mulheres que se dedicavam a uma vida solitária. Elas estavam todas em uma idade em que podiam ajudar umas às outras. Elas eram muito controladas, silenciosas e viviam muito mal; Elas não tinham provisões e pediam esmolas. Elas tinham uma superiora e recitavam as horas canônicas.

Elas usavam uma túnica escura e grosseira com capuz. Vi-as caminhando pelo pequeno jardim, disposto perto das celas, onde cada uma podia entrar pela sua entrada. Os pequenos jardins eram muito bonitos, embora pequenos, e tinham laranjeiras. Elas próprias as cultivavam. Vi-as ocupadas com um trabalho que eu desconhecia: tinham uma máquina, semelhante a um tear, com diversas cordas, com a qual teciam tapetes rústicos e variados, feitos com muito cuidado.

Vi que com certas palhas brancas e sutis teciam um delicado trabalho entrelaçado. Suas camas ficavam no chão e consistiam em uma tábua com um colchão de palha ruim e um cobertor. Elas não cozinhavam muito lá.

Comiam em comum, e na mesa alta e funda haviam certas cavidades que serviam de pratos. À direita e à esquerda dessas cavidades haviam tampas que eram baixadas sobre as cavidades e as cobriam. Eu vi todas elas comendo juntas uma sopa escura de ervas. A maior simplicidade reinava em sua capela. Todos os ornamentos consistiam em trabalhos de palha. Pensei comigo mesmo: "Aqui dentro

tem oração de ouro com utensílios de palha; era assim naquela época, agora usamos oração de palha com utensílios de ouro”. O altar de pedra era coberto por uma linda esteira de palha trançada e recortada, pendurada nas extremidades. No meio havia um pequeno sacrário e, acima dele, aquela cruz que o Peregrino trouxe. À direita e à esquerda haviam dois candelabros de madeira e duas urnas ou copos, também de madeira, contendo buquês de flores dispostos em forma de ostensório. Esta ermida era um edifício quadrado de pedra, com telhado de madeira. Os espaços interiores eram divididos por estacas entrelaçadas, do comprimento de um vão, feitas de madeira semelhante à usada para fazer caixas. As paredes, feitas de madeira entrelaçada, tinham alturas diferentes; na capela, mais altas que um homem, não chegavam ao teto; nas células, mais baixas. As freiras podiam ser vistas de cima. Eram sustentadas por estacas, plantadas e reforçadas contra as paredes. A entrada pelo lado do mar dava para a cozinha, seguida pela sala de jantar com mesas estranhas; atrás ficava a capela. À direita e à esquerda ficavam as três celas e na frente ficavam os jardins. As portas que davam para o jardim eram em arco: eram baixas, pequenas, e a janela acima da porta era colocada de forma que não se pudesse olhar para dentro. Na frente das janelas haviam pequenas cortinas de palha que podiam ser levantadas com varas como se fossem tendas. As cadeiras eram feitas de esteira, sem apoio, e tinham cabo de madeira. O chão da capela era coberto com um tapete grosso e multicolorido feito por elas mesmas.

Nem todos os domingos elas tinham missa. Um eremita vinha celebrar missa e dar-lhes a comunhão. Tinham, porém, o Santíssimo Sacramento na capela.

Vi-as uma tarde rezando na sua capelinha, quando foram surpreendidos e atacadas por piratas. Estes estavam armados com espadas curtas e muito largas; Eles usavam turbantes e falavam uma língua estranha.

Eles roubaram os homens para torná-los escravos. Eles eram ferozes e parecidos com feras.

Seu barco era grande e estava ancorado a alguma distância da praia; Eles haviam desembarcado em um barco. Eles devastaram o eremitério e levaram consigo aquelas pobres eremitas. Eu não as vi sendo abusadas. Uma daquelas virgens, jovem e forte, defendeu a relíquia do altar e pediu ajuda ao Senhor com todo fervor. Antes dos invasores chegarem ao mar, eles começaram a discutir sobre a distribuição do saque. Enquanto isso, aquela virgem conseguiu rastejar com as mãos e os pés até o fundo da floresta e fez voto de servir ao Senhor, vivendo uma vida solitária no deserto, se Ele a libertasse do perigo. Os piratas a procuraram por muito tempo e ela viu quando eles zarparam de madrugada.

Então ela agradeceu a Deus de joelhos diante desta cruz. A floresta virgem se estendia longe de qualquer estrada, separada por um precipício localizado entre geleiras. Nenhum homem, nenhum caçador entrava lá. Procurou por muito tempo um local adequado, até encontrá-lo na parte mais profunda da floresta.

Era um local pequeno, livre e claro, rodeado de árvores e arbustos, o suficiente para ali erguer uma pequena capela. Acima estava quase coberto de árvores, e o solo era atravessado pelas raízes das próprias árvores. Ela decidiu servir a Deus ali mesmo, completamente isolada dos homens, sem qualquer ajuda eclesiástica ou profana. Ela trazia consigo a cruz que plantou num altar que ela mesma construiu com pedras, e atrás dela arrumou sua cama. Não tinha fogo; Eu só tinha isso no seu coração. Durante trinta anos ele nem viu pão. Naqueles arredores vi certos animais no alto das montanhas, semelhantes a cabras, saltando de uma rocha para outra; Ao redor desta ermida vi também lebres brancas e pássaros do tamanho de galos.

Já vi um caçador chegar a esses lugares com seus cães. Ele estava a serviço de um nobre, que tinha um castelo no topo da montanha, a alguns quilômetros de

distância. Mais tarde vi aquele castelo destruído, do qual agora restava apenas um fragmento da torre coberto de hera e plantas silvestres. Aquele caçador usava uma túnica cinza muito justa e um cinto ornamentado em volta do corpo.

Ele usava um pequeno chapéu redondo e pontudo e debaixo do braço estava seu arco. Seus cães entraram latindo no meio dos arbustos, e o caçador se aproximou e viu algo brilhante, que era aquela cruz. Ele se aproximou e gritou alto. A eremita havia se escondido e a princípio não quis responder. Finalmente ela gritou, dizendo ao caçador para não ter medo dela se não visse seu rosto humano. Então ele a viu e eu também a vi em visão. Eu a vi cercada de brilho. Ela era alta, cobria o corpo; longos cabelos grisalhos caíam pelas costas e pelo peito. Seus pés eram ásperos e seus braços escuros; Ela andava curvada pelo peso da idade. No entanto, apesar desta aparência, ele tinha algo de severo e nobre em suas maneiras. A princípio ela não quis dizer quem era; Mas quando percebeu que o caçador era um homem piedoso, disse-lhe: "Vejo que você é um servo de Deus". E ela lhe contou como havia chegado àquele lugar.

Recusou-se a sair de lá com ele; e disse ao caçador para retornar dentro de um ano com um sacerdote eremita. Vi como ela recebeu o Santíssimo Sacramento.

Depois ela quis ficar sozinha por um tempo e quando os dois se aproximaram novamente, a encontraram morta. Queriam levar o corpo consigo, mas não conseguiam movê-lo. Enterraram-na no mesmo local e o caçador levou secretamente a cruz para comemorar o fato. Mais tarde, sobre o seu túmulo, que se encontrava num matagal, foi construída uma capela em homenagem ao santo que venerava de maneira especial e a quem dera nome. De vários lados existiam entradas que conduziam ao interior daquela capela.

Aquela virgem viveu completamente para Deus, na maior pobreza.

Antes do ataque dos piratas ela teve um sonho em que via, como que com violência, ser transportada pelo mar. Também em sonho ela fez um voto à Virgem de Einsiedeln de que, se fosse salva do perigo, sempre jejuaria na solidão. Pareceu-lhe que caiu num canal ou curso de água, onde rastejou durante muito tempo até sair e chegar a uma solidão que mais tarde soube ser precisamente aquela onde estava agora, e vista na visão.

Então lhe disseram que ela deveria ficar lá. Quando lhe perguntou o que deveria comer, muitos figos e castanhas caíram das árvores; e enquanto ela colhia os frutos, eles se transformavam em pedras preciosas, semelhantes aos frutos de penitências e mortificações. Ela contou ao caçador sobre essa visão dela. Quando o caçador a encontrou naquela solidão, já haviam se passado trinta anos. Disse-lhe que vinha da Suíça e que lá poderia obter informações para se convencer. Ele a nomeou como seu local de nascimento, acrescentando que sempre teve grande devoção à Virgem de Einsiedeln. Desde muito jovem ouvia uma voz que lhe dizia que deveria deixar a sua terra natal e servir a Deus na solidão. Ela não prestou muita atenção naquela voz; Mas uma vez lhe pareceu que um jovem se aproximava dela e dizia: "Você ainda está aqui? Ainda não foi embora?...". E dizendo isso, ele a tirou dali. Ela pensava que estava sonhando, mas quando acordou se viu longe de sua casa, num país estranho, até chegar ao eremitério onde foi bem recebida.

O caçador teve devoção à cruz por muito tempo; Por fim, por leviandade e desconsideração, deu-a a um habitante de uma pequena cidade situada no sopé da montanha. Ele a reverenciava muito e sempre orava diante dela, e numa tempestade que devastou a região, ele e sua casa foram preservados do desastre. Após sua morte passou a cruz para um de seus herdeiros, e assim ela passou de mão em mão até chegar a um camponês, que a vendeu junto com outros objetos. Por causa disso, ele perdeu sua casa e seus campos. Mais tarde vi a cruz relegada e

desprezada entre mil coisas de todos os tipos, no poder de pessoas que não tinham temor de Deus. Um estrangeiro incrédulo comprou destas pessoas, não por devoção, mas por simples curiosidade, sem saber o valor do tesouro que possuía e, apesar disso, aquela cruz lhe foi de imenso benefício.

Esta última circunstância comoveu o Peregrino; Ele comprou a cruz em Landshut de um trabalhador pobre e desde então sentiu-se melhorado espiritual e materialmente. A vidente não poderia saber e a história era tão verdadeira quanto o último episódio da cruz.

Em consequência disso, o Peregrino manifestou preocupação e perguntou a Ana Catalina: “Se tudo for visto novamente como aconteceu, os pecados cometidos, dos quais se arrependeu e confessou, voltarão a ser vistos?” Ela respondeu:

Por esses pecados e falhas o Senhor satisfaz. Eles não existem mais. Não posso vê-los, a menos que seja um caso como o do penitente Davi. Aqueles pecados que não foram expiados, que o homem carrega consigo e esconde, eu vejo perfeitamente. Aqueles que foram expiados são como pegadas impressas na areia, que são apagadas com os passos seguintes de arrependimento e penitência. A confissão contrita do pecado cancela a culpa.

História da criança mártir de Sachsenhausen

O Peregrino deu-lhe uma relíquia que Ana Catalina declarou pertencer a um antigo eremita. Vários dias depois contou ao Peregrino o martírio de uma criança, parente do eremita.

Ela tinha a aparência de uma criança de cerca de quatro anos, coroada por uma auréola vermelha. Seu semblante era extremamente engraçado. Suas palavras eram muito curtas e profundas. Fiz uma longa viagem com ele e fiquei muito impressionada ao vê-lo tão inteligente, tão sério e tão sábio. Passamos por uma cidade e rapidamente nasceu em mim o conhecimento do seu estado moral. Senti dentro de mim que haviam almas piedosas e pecadoras ali. O menino me levou até uma ponte e apontou a casa onde nasceu. Era uma antiga casa de cidadãos de classe média, que ainda preservava algo dos tempos antigos. Tudo estava silencioso e imóvel; Mas à medida que nos aproximávamos, os atuais habitantes pensavam naquela criança e uma vaga memória da sua história permanecia neles. Então tive o aviso de que muitas vezes a memória instantânea de uma pessoa falecida é efeito da sua proximidade. A criança indicou-me que assim como a correlação da alma com o corpo nunca cessa até a união dos mesmos na ressurreição final, da mesma forma a ação de uma alma santa nunca cessa sobre aqueles que, por laços de sangue ou de parentesco, são encontrados no relacionamento com ela. Uma pessoa abençoada continua trabalhando, ajudando e aproveitando aquela família de acordo com o grau de fé e temor a Deus que ela tem para receber essa ajuda. Ele me contou como agiu em favor da saúde eterna de seus familiares e como chegou através do martírio àquela perfeição que teria alcançado se sua vida não tivesse sido interrompida pelo mal dos outros, e que os méritos de ações que teria praticado ao longo da sua vida, se não tivesse sido morto aos quatro anos, poderia também aplicá-las, de forma espiritual, em benefício do seu povo. Todo tipo de mal acontece, não pela vontade de Deus, mas pela simples permissão de Deus. Além disso, o cumprimento e a perfeição do bem praticado por um indivíduo não são removidos ou cessados em consequência do pecado dos outros, mas apenas são alterados e modificados, e o crime e o pecado, nas suas consequências efetivas, ferem-no essencialmente, o próprio pecador, enquanto para o inocente, ofendido e

prejudicado, os castigos e o martírio servem como meio para uma perfeição mais rápida. Embora o pecado cometido contra os outros seja algo contrário à vontade de Deus, no entanto esta vontade de Deus não é impedida no seu plano final, pois tudo o que o morto teria feito no mundo vem a ser cumprido e completado, de maneira espiritual, através da liberdade da vontade.

Então vi a história da criança martirizada. Seus pais moravam há quase três séculos, em Sachsenhausen, próximo a Frankfurt, e ele era muito piedoso. Tinham um parente próximo, que vivia no Egito, como eremita, de quem falavam com frequência, lembrando-se dele com carinho e veneração.

Muitas vezes, olhando para o filho pequeno, diziam para si mesmos que se considerariam felizes se o filho imitasse aquele parente num modo de vida tão feliz, servindo a Deus na solidão. Os pais que desejavam tanto ter um filho único, que ainda não tinha um ano de idade, certamente devem ter sido muito piedosos. Esse desejo foi frequentemente renovado em suas mentes. Quando a criança tinha um ano, um de seus pais morreu. Aquele que sobreviveu casou-se novamente e a conversa sobre o eremita e o desejo de que o filho também fosse eremita foi renovada com o passar do tempo na nova família.

O menino muitas vezes se entretia e se divertia com essas conversas.

O outro pai morreu, então a criança ficou órfã. A tradição eremita estava enraizada na família, e a criança, agora com quatro anos, tinha um forte desejo de conhecer o parente eremita. Ele me disse que algo de bom certamente teria acontecido se ele continuasse vivo; talvez ele também tivesse se tornado um eremita. Ele me disse, além disso, que teria sido uma criança boa e bonita, embora de forma alguma tão bonita quanto era no momento. Seus novos pais, que viam nele o herdeiro da casa, ficariam felizes por estarem livres de sua presença, e falaram disso quando falaram do eremita distante. A criança ainda não tinha quatro anos quando seus parentes a entregaram a certos hebreus estrangeiros, que a levariam ao Egito junto com o eremita. Procederam desta forma para se livrarem da criança, e falaram da viagem ao Egito apenas para esconder da criança a traição. Embora o menino tenha se tornado mártir por essa causa, ele nunca deixou de demonstrar amor e caridade para com sua família e sua cidade natal. Ele me mostrou uma casa grande, ainda não terminada, de estilo moderno, onde acontecia uma festa, aparentemente de casamento, onde muitas vezes aconteciam tais festas. Vi vários quartos iluminados com lâmpadas e muitas pessoas bem vestidas e decoradas, celebrando e dançando. “Eles fazem isso, disse-me a criança, sobre os ossos de um ancestral, que com sua piedade estabeleceu o primeiro fundamento do atual bem-estar da família”. Ele me conduziu para dentro de um porão murado, onde, num caixão duplo, jazia, em perfeita posição, um esqueleto branco e bem preservado. A caixa interna era feita de chumbo e a caixa externa me parecia de madeira escura. O menino me contou que o falecido havia sido o fundador da casa e seu parente; Um homem muito piedoso, que havia adquirido grandes riquezas, permanecendo sempre um bom cristão. Quando a igreja onde foi sepultado foi destruída, seus filhos levaram o corpo para o porão, esquecendo-se completamente dele e de seu cadáver. Penetrei em todos os departamentos da casa. Vi também na cidade muitos ossos de santos e santas descansando no subsolo, sob os alicerces de igrejas e mosteiros destruídos, sobre os quais haviam sido construídas casas e palácios. O menino me contou que a cidade iria declinar muito, pois estava no auge do orgulho.

Fiz uma ótima viagem por mar até uma região arenosa e quente. O menino me deixou sozinha. Passei então a uma cidade deserta, onde as casas caíam umas sobre as outras em ruínas, e lá encontrei novamente a criança, e vi numa caverna, debaixo de uma colina, o lugar do seu martírio, e vi o seu próprio martírio.

Parecia um local destinado ao sacrifício de animais. Ganchos de ferro pendiam das paredes, nos quais os judeus seguravam a criança na forma de um homem crucificado, fazendo com que o sangue de cada um de seus membros se destilasse. Muitos ossos luminosos de crianças anteriormente martirizadas enterradas ali foram espalhados pelo chão, e esses ossos bufaram como faíscas. O martírio desta criança nunca foi descoberto ou punido pelo braço secular. Pareceu-me que ali não havia cristãos, exceto algum eremita que veio do deserto para a cidade.

Mais tarde eu estava no deserto e vi novamente aquele menino ao lado do túmulo do eremita, seu parente, que estava enterrado onde ele morava. Ele morreu antes da criança ser levada de Frankfurt. Seus ossos brilhavam. Havia muitos outros túmulos naquele deserto. Fragmentos de recipientes quebrados podiam ser vistos na areia branca; muitas palmeiras cresceram. Lá a criança me deixou novamente e fui transportado por mar para outra região; Era uma colina, na cidade onde ficava o grande anfiteatro (Roma). De um lado da colina havia casas e algumas vinhas crescendo. Abaixo estendia-se uma grande caverna, sustentada por colunas; A entrada estava fechada, cheia de escombros. Ninguém suspeitava que havia uma caverna ali. Quando cheguei, o menino se apresentou novamente e ficou ao meu lado. Lá encontrei um grande tesouro de ossos sagrados; A caverna inteira estava brilhando. Havia corpos inteiros dentro de caixões colocados nas paredes e um grande número de pequenos ossos encerrados em pequenos sarcófagos. Esvaziei-os e trabalhei lá abrindo aqueles sarcófagos. Vi alguns corpos em que os panos nos pontos onde tocavam os corpos ainda estavam intactos, enquanto o resto estava consumido ou apodrecido. Vi que alguns corpos empalhados adquiriram uma agradável cor branca.

Vi também diversas imagens referentes à vida destes santos, a maioria delas pertencentes aos primeiros séculos da Igreja. Muitos foram martirizados porque trouxeram oferendas aos padres cristãos. Já os vi andar com pequenos voláteis debaixo do braço e pareceu-me que foram denunciados pelos pagãos. Vi muitos que pelo voto de castidade se tornaram membros de uma ordem religiosa, e também vi maridos e mulheres que, pelo amor de Deus, viviam na continência. Penetrei em todos esses lugares sagrados e entre esses ossos, até chegar a uma grande caixa quadrangular, não profunda, e feita de matéria sutil. Eu me senti atraída por aquela caixa; Pareceu-me que me pertencia, pois lá estavam os santos dos quais tenho relíquias. Eu queria levá-la comigo; mas o menino me disse que isso não era apropriado e que eu deveria deixá-la. As relíquias estavam ali cuidadosamente arrumadas, colocadas sobre travesseiros. Como não consegui carregá-la, cobri-a com um pano azul. O menino me contou que aqueles ossos estavam escondidos ali desde os tempos primitivos da Igreja; que eles deveriam permanecer; mas isso seria descoberto e reconhecido com o tempo.

Relíquias da Igreja de Münster

Ana Catarina recebeu pequenos pacotes contendo relíquias enviadas em diversas ocasiões por Dean Overberg: estavam misturadas; alguns tinham nomes, outros não. Teve visões gerais sobre essas relíquias e depois visões particulares de alguns santos.

Quando recebi as relíquias enviadas pelo Reitor Overberg tive uma visão da forma como essas relíquias foram trazidas de Roma para Münster pelo trabalho especialmente dos primeiros bispos e da grande reverência com que foram colocadas em relicários fechados e distribuídas às várias igrejas. Vi senhoras piedosas reunindo-se para arrumá-las e embrulhá-las; Ao fazer isso, tiveram o

cuidado de permanecer puras e santas. Vi alguns sacerdotes que mais tarde distribuíram essas relíquias com eles.

Eles foram anexados aos relicários, decorados com bordas e flores e dispostos em pirâmide. Quando foram expostos pela primeira vez à veneração pública, houve grande solenidade e todo o país se considerou favorecido. Muitas relíquias foram anexadas aos altares da igreja de Ueberwasser. Alguns piedosos cônegos capitulares, quando ouviam falar de algum santo ou santa, tentavam obter alguma relíquia sua, que depois veneravam como um grande tesouro. Mais tarde vi que quando as igrejas e os altares foram ampliados e restaurados, os ossos dos santos das mais diversas épocas foram colocados uns sobre os outros. Muitos corpos sagrados foram encontrados, alguns membros dos quais foram removidos e colocados com as demais relíquias. Assim foi encontrado o corpo de uma virgem, da qual tenho um pequeno osso. Tenho visto as grandes bênçãos que surgiram de tais ossos diminuírem e terminarem com o aumento do descuido com que as relíquias foram guardadas. Vi também que, não sem um desígnio da Providência, essas relíquias chegaram às mãos do Reitor Overberg, que, mesmo sem conhecê-las, designou-lhes um lugar decente para guardá-las.

Outra vez, quando Ana Catalina tinha nas mãos a caixa de relíquias, que chamava de sua igreja, viu São Tomé Apóstolo e uma imagem de suas viagens e missão nas Índias.

O apóstolo passou de um rei para outro e fez muitos milagres. Ele fez muitas profecias antes de sua morte. Eu o vi levantar uma grande pedra, muito longe do mar, gravar nela alguns sinais e dizer: “Quando o mar chegar aqui, virá outro que difundirá a doutrina de Cristo”. Ele estava se referindo a São Francisco Xavier. Mais tarde vi o apóstolo trespassado por lanças e enterrado; como também quando seu corpo foi desenterrado e honrado. Creio que entre as minhas relíquias estão também as dos Santos Matias e Barsabás, pois me foi mostrada uma breve fotografia da sua eleição para o apostolado.

Matias, embora magro e fraco, foi preferido por Deus a Barsabás, que era jovem e robusto, pela maior força do seu espírito. Tenho visto muitas coisas nesse sentido. Vi também uma imagem referente a Simeão, parente de Jesus, que depois de Tiago ser bispo de Jerusalém, ali foi martirizado aos cem anos. Deve haver alguma relíquia dele entre as minhas.

No dia seguinte vi novamente cenas do Apóstolo São Tomé e disse: Vi uma imagem das suas viagens, como se estivessem marcadas num mapa.

Foram-me mostrados os ossos de Simeão e de Judas Tadeu. Vi que toda a família de Santa Ana morreu antes do nascimento de Jesus. Nesta ocasião pensei na profetisa Ana e a vi, bem como nos quartos de todas as viúvas e profetisas pertencentes ao templo de Jerusalém. Simão e Judas Tadeu eram irmãos. A primeira filha de Santa Ana foi Maria, esposa de Alfeo. Esta Maria, na época do nascimento de Maria Santíssima, já tinha uma filha adulta, que mais tarde se tornou Maria, esposa de Cléofas, de quem teve quatro filhos: Tiago o Menor, Simão, Judas Tadeu e José Barsabás. Tenho comigo relíquias destes três últimos santos. Quando toquei nos ossos de Judas Tadeu, bem como nos de seus irmãos, senti que ele era parente de Jesus.

Vi em outra imagem quando ele chegou em Abgar, rei de Edessa. Trazia na mão uma carta que Tomás lhe entregara. Quando entrei, vi a figura luminosa e a aparição do Salvador. O rei, doente, curvou-se diante daquela aparição e não viu o apóstolo. Ele impôs as mãos sobre ele e imediatamente ele foi curado de sua doença. Então o apóstolo pregou naquela cidade e converteu toda a cidade. Vi

imagens relacionadas a vários santos. Vi o martírio de Santo Evódio, que sofreu na Sicília com Hermógenes, seu irmão e uma irmã. Também vi muitas imagens relativas a uma freira santa vestida de branco, a cisterciense Catarina de Parcum. Eu a vi, quando ainda era hebreia, desde que nasceu assim, ler todas as coisas relacionadas a Jesus em certos embrulhos de papel, e me emocionei. Vi que certas crianças cristãs lhe contavam coisas sobre o menino Jesus e Maria e a manjedoura, e que, guiada por elas, ela foi secretamente ver uma manjedoura; Então, por causa disso, ela conheceu Jesus melhor. Vi-a instruída secretamente e depois, após uma aparição de Maria Santíssima, decidida a refugiar-se num mosteiro. Vi muitas coisas comoventes nela e seu desejo ardente de ser desprezada.

A relíquia desta santa foi costurada em pano vermelho, e quando a vidente se preparava para embrulhá-la e escrever o nome, foi-lhe dito internamente que havia também alguns fios de pano que haviam tocado a manjedoura sagrada e alguns fragmentos do tronco do verdadeiro berço do Senhor; e um pequeno pedaço de papel onde havia algo escrito. Disseram-lhe que essas coisas eram as que a dita santa mais venerava; que, ainda criança, se moveu com a imagem da manjedoura e obteve a graça de carregar muitas vezes o menino Jesus nos braços. Ana Catalina contou isso ao Peregrino, que conseguiu descobrir alguns fios com um pedaço de madeira e uma escrita que dizia:

"De præsepie Christi". "Isto vem do berço do Senhor; este era venerado pela pequena freira."

O Peregrino, emocionado, quis beijar a mão de Ana Catalina, e ela lhe disse: "Beije a relíquia de Santa Clara; nela não há mais nada de terreno. Esta (minha mão) ainda está misturada com a terra". O Peregrino sentiu-se mais comovido, porque tinha escondido no peito uma relíquia de Santa Clara, que pretendia mostrar mais tarde a vidente.

Quando Ana Catalina a teve, ela disse, beijando-a: "Eis que Clara está diante de mim." Mais tarde, ele acrescentou:

Vi uma pequena imagem relacionada a Santa. Uma guerra estava acontecendo nas proximidades de seu convento. Ela estava muito doente e ainda assim foi levada à porta do mosteiro e também lhe trouxeram o Santíssimo Sacramento. Este estava encerrado em um pítide prateado coberto de ouro; Diante dele ela caiu de joelhos e implorou ao Senhor e sentiu uma voz interior que a consolou. Imediatamente ele viu que os inimigos estavam se afastando da cidade.

Reconhece relíquias de Afra, Marta e Madalena

Um dia o Peregrino se aproximava com uma relíquia, quando a vidente exclamou:

Afra! Temos a relíquia desta santa?... Vejo-a aqui amarrada pelas mãos e pelos pés a um pau. As chamas acendem e sobem ao seu redor, e ela vira a cabeça e olha em volta.

Dizendo estas palavras, pegou a relíquia e beijou-a, homenageando a santa com grande devoção.

Na hora do crepúsculo o Peregrino abriu um pequeno embrulho, descobrindo um fragmento de osso e uma peça de roupa escrita. Ana Catalina, que não conseguia ver o objeto devido à escuridão, exclamou imediatamente: "Não perca essa escrita. A indicação é verdadeira; essa escrita brilha."

Quando obteve a relíquia, caiu em êxtase e disse ao Peregrino o seguinte:

Viajei para muitos lugares, longe daqui, para Betânia, Jerusalém e França. O osso é da Marta. O vestido é da Madalena e é azul, com flores amarelas e algumas verdes. É um resquício de sua vaidade. Ela ainda usava este vestido sob um manto de luto, em Betânia, na época da ressurreição de Lázaro. Todos esses vestidos ficaram na casa de Lázaro quando ela foi para a França. Certos amigos piedosos os levaram e preservaram fragmentos para memória. Alguns peregrinos, que tinham ido visitar o seu túmulo em França, embrulharam a relíquia nestes panos, acreditando que tanto o osso como os fragmentos dos vestidos eram de Madalena; mas só o vestido é dela; O osso é da Marta.

Quando o Peregrino pôde examinar melhor a escrita interna, encontrou a lenda: Santa Maria Madalena. Reconheceu também, entre as relíquias enviadas pelo reitor, um osso do Papa Sisto oitavo e um fragmento do terceiro Pontífice, depois de Pedro. Ele ficou satisfeito por ter mantido os números latinos; Mas no dia seguinte ela disse a ele:

“Quando vi novamente o osso daquele santo Papa, foi-me dito: “Não do terceiro Papa, mas do décimo terceiro e seu nome significa Salvador”.

O Peregrino verificou que se tratava de São Sotero, que significa Salvador em grego.

Relíquia de Santa Marcela

O confessor entregou-lhe um pacote com a inscrição de São Clemente. Ana Catalina recebeu a relíquia e no dia seguinte disse que não era de São Clemente, mas sim de Santa Marcela viúva. Como o confessor não se convenceu, ela declarou:

Voltei a ver a vida de Santa Marcela. Vi-a viúva, retirada num vasto palácio de estilo romano, semelhante ao de Santa Cecília.

Tinha pátios amplos, com fontes e cachoeiras. Eu a vi com São Jerônimo, que desdobrou pergaminhos e leu. Vi-a distribuir a sua riqueza aos pobres e aos presos; e à noite ir para as prisões, cujas portas se abriam diante dela. Ao conhecer o modo de vida de Santo Antônio, ela colocou um véu e uma vestimenta monástica e induziu outras virgens a fazerem o mesmo. Vi que estrangeiros entraram em Roma e saquearam e roubaram.

Alguns deles entraram na casa de Marcela e a extorquiram, ameaçando-a com armas para que ela lhes desse dinheiro. Ela distribuiu tudo entre os pobres.

Isto é o que me lembro de ter visto. Quando a vi pela primeira vez, a santa me consolou e me encorajou em relação às minhas visões sobre as Sagradas Escrituras e me disse algo para o meu confessor, que esqueci completamente.

Cenas da vida de São Marcelo Papa

Ela reconheceu uma relíquia de São Marcelo o Papa e narrou o seguinte:

Já vi imagens relacionadas a este santo. À noite, com muitos outros, ele saiu em busca dos corpos dos santos mártires dispersos e os enterrou, escrevendo seus nomes em seus túmulos. Eu o vi envolto em seu manto, vagando de um lugar para outro, carregando muitos ossos sagrados. Ele também transportou ossos para as catacumbas e colocou etiquetas com nomes e inscrições na frente deles e os separou uns dos outros. Entre esses escritos há registros dos santos mártires. Acho que num grande subterrâneo, onde vi tantas placas preservadas, está boa parte daquelas que ele transportou.

Nesta ocasião vi que possuímos a parte mais preciosa das relíquias e que entre elas estão muitos corpos que ele reconheceu, escrevendo seus nomes. A piedosa viúva Lucina implorou-lhe que enterrasse dois infelizes, que haviam morrido de fome na prisão havia algum tempo. Fizeram-no à noite e transportaram o cadáver de um homem e de uma mulher para o local onde foi sepultado San Lourenço. Quando iam colocá-los, os ossos de São Lourenço se afastaram, como se não quisessem ter aqueles cadáveres por perto; Por isso foram enterrados em outro local.

Vi Marcelo ser levado perante o Imperador. Como ele não queria sacrificar aos ídolos, eles o açoitaram até que sangrasse e depois o condenaram a servir como escravo em um grande estábulo. Este estábulo formava um círculo ao redor de um pátio, e ali havia não apenas animais de carga, mas também confinamentos de animais selvagens que eram usados contra os mártires. Ele tinha que cuidar e alimentar os animais, que eram muito mansos com ele. Aqui ele poderia ser útil à igreja secretamente, pois com a mediação de Lucina e as doações aos guardas, ele frequentemente conseguia escapar da prisão para enterrar mártires e consolar os fiéis. Vi também que ele recebia o Sacramento de outros sacerdotes e que ele próprio o distribuía à noite a outros. Ele foi retirado do estábulo e levado para a prisão; mas depois de ter curado a esposa de uma pessoa importante, ele foi libertado. Morou então na casa de Lucina, que secretamente transformou em igreja e deu continuidade às suas obras de caridade.

Eles ficaram surpresos novamente; O palácio foi usado como estábulo e ele teve que voltar a criar animais. Enquanto exercia secretamente seus ofícios naquele estábulo, foi dilacerado da forma mais desumana, com golpes, num canto do estábulo e seu corpo foi abandonado naquele lugar desolado. Os cristãos enterraram seu corpo sagrado.

Vi então imagens relacionadas com Ambrósia, Libório e o governo da Igreja sob São Gregório. Em particular, estas imagens referiam-se às relações daqueles santos com as mulheres piedosas, e que por causa deste tratamento inocente e piedoso foram muito caluniadas. Gregório fundou muitos mosteiros para freiras e, nos dias antes consagrados às divindades e bacanais pagãs, induziu centenas dessas mulheres a rezar publicamente nos hábitos dos penitentes, a fim de expiar e compensar a igreja pelos muitos pecados cometidos em outros momentos nesses mesmos dias. Vi que agindo dessa maneira ele conseguiu muito bem; essas festividades do diabo e do pecado diminuíram em seu tempo. Ele teve que sofrer muito por causa de seu zelo. Depois vi uma imagem do diácono Ciriaco, que padeceu inúmeros sofrimentos. Já esteve escondido por muito tempo em uma catacumba localizada não muito longe do local onde hoje fica a Igreja de São Pedro. Lá ele estava quase morrendo de fome. Foi martirizado.

Lembro-me que São Ciriaco foi consagrado por Marcelo e que ele, com outros dois cristãos, Largo e Smaragdo, protegeram os cristãos que tiveram que trabalhar nas escavações. Ele próprio foi condenado a este trabalho forçado e ali libertou do diabo a filha de um cristão.

Plácido e Donato

Reconheci os ossos de Plácido e Donato. Vi que Plácido era, nos seus modos, semelhante a São Francisco de Sales, gentil e bondoso. Ele foi morto na Sicília com seus irmãos. Vi muitas coisas relacionadas à vida dele. Ele era o caçula de dois irmãos e uma irmã e desde criança foi considerado um santo.

Eu o vi, ainda menino, nos braços da mãe, pegando etiquetas escritas e colocando os dedinhos onde estavam os nomes de Jesus e Maria, com sinais de grande alegria.

Eu o vi geralmente amado; muitas vezes uma família inteira se reunia em torno da criança, que a mãe carregava nos joelhos. Eu o vi com seu tutor em um jardim, onde ele brincava de desenhar cruzeiros e entrelaçá-los com flores e plantas. Os passarinhos eram muito familiares para ele. Depois foi levado para outro lugar para estudar e depois para o mosteiro de São Bento, que ainda tinha poucos discípulos. Eu o vi gentil e delicado; Ele cresceu rapidamente, como costuma acontecer com filhos de linhagem elevada. Depois vi uma imagem relativa a outro santo que foi educado muito humildemente numa cabana e se tornou Papa. Vi uma imagem relativa à vida de ambos. Falei com Plácido e ele prometeu que me ajudaria. Ele me disse que eu deveria invocá-lo.

Relíquias e episódios de vários santos

Enquanto conversava com o Peregrino, um dia a vidente disse: “Temos uma relíquia de Santa Teresa e uma de Santa Catarina de Sena. Aqui se juntam a muitos outros nomes de santos cujas relíquias possuía, sempre na mesma ordem.

Vejo os nomes, parte sob os pés e parte próximo ao corpo e vejo os atributos de cada um deles. Vejo Ediltrudes com a coroa deposta; Vejo Teresa, Radegund, Geneviève, Catarina, Foca, Maria de Cleofas. Ela é mais alta que Maria Santíssima e está vestida da mesma maneira; Ela é filha da irmã mais velha de Maria. Vejo também Ambrósio, Urbano e Silvano.

O Peregrino perguntou-lhe: “Onde está Pelagia?” Ela respondeu: “Pelagia não está mais perto de mim; ela está aí” (apontou para o peito do Peregrino). Na verdade, o Peregrino tinha retirado aquela relíquia, colocando-a num bolso do casaco, como uma relíquia já reconhecida que pretendia colocar num relicário. O próprio Peregrino ia tirar outro do bolso, quando o vidente exclamou: “Vejo Enguelberto. Talvez tenhamos uma relíquia dele?” O Peregrino mostrou a relíquia e Ana Catalina contou o seguinte:

Reconheci aquele osso como sendo o de Enguelberto de Colônia e esta noite vi muitas coisas sobre a sua vida. Enguelberto era um homem importante, ocupado com negócios sérios no império. Ele viveu com grande severidade e justiça, mas não como os outros santos, devido às suas muitas ocupações externas. Tinha grande devoção a Maria Santíssima. Vi que ele mandou fazer obras no Duomo e reuniu muitas relíquias preciosas, que hoje não são mais conhecidas, e as reuniu em sarcófagos, que colocou sob os altares. Isto não foi muito conveniente. Eu também vi sua morte. Ele havia sido muito perseguido por um parente, a quem deveria ter punido. Ele o surpreendeu em uma viagem e o maltratou horivelmente.

Contei mais de setenta feridas em seu corpo. Enguelberto tornou-se santo através de uma séria preparação para a morte, pois pouco antes havia feito uma confissão contrita dos pecados de toda a sua vida e suportou a sua morte lenta com uma paciência indescritível enquanto rezava pelos seus assassinos. Vi que a Mãe de Deus lhe apareceu durante o seu martírio, consolou-o e exortou-o a sofrer e a morrer com paciência. A sua santa morte deve-se à ajuda da Virgem.

Reconheci também a relíquia de São Cuniberto de Colônia. Eu o vi, como pajem, ao lado do rei Dagoberto e dormindo na câmara do rei.

Uma relíquia de São Lucas

(2 de abril de 1821) Já faz algum tempo que vejo um lindo fragmento branco do esqueleto de São Lucas, ao meu lado. Vejo isso muito claramente e ainda assim não consigo acreditar, mesmo quando vejo isso em visão, e agora, por punição, esqueço

enquanto estou acordado. Ontem à noite vi a história que se refere a esta relíquia. São Gregório Magno levou consigo de Constantinopla para Roma o esqueleto de São Lucas e um braço de Santo André, e obteve um resultado tão feliz que através destas relíquias fez muito bem aos pobres. Elas foram colocadas em seu mosteiro de Santo André. Alguns fragmentos do crânio e do braço chegaram a Colônia. Vi a grande alegria do bispo daquela cidade quando tal relíquia lhe chegou. Depois, esses fragmentos sagrados passaram para Mainz; depois para Paderborn e finalmente para Münster. Agora os dois estão aqui, no meu medalhão. A relíquia de Santo André está encerrada em uma cápsula. O osso de São Lucas deveria estar inclinado, envolto em um pano; Agora não me lembro do local exato.

Suplicado pelo Peregrino que procurasse a relíquia, o vidente reconheceu um fragmento do crânio do santo e contou o seguinte:

um santo bispo; depois para Trier, para Mainz, para Paderborn e para Munster; Acredito que eles vieram para cá sob o comando de um bispo que pertencia à nobre família Furstenberg.

Suposto cabelo de Maria

Ana Catarina recebeu uma certa quantidade de cabelos preservados como relíquias no mosteiro de Notteln; Dizia-se que eram cabelos da Virgem, trazidos por São Ludgário. Ao tomá-los nas mãos, ele teve a seguinte visão:

À direita, ao pé da minha cama, apareceu-me uma virgem de extraordinária beleza. Ela usava uma vestimenta branca e luminosa, com um véu amarelo, que descia até os olhos, e através dele vi seus cabelos, um loiro muito delicado. Todo o seu espaço era luminoso, com uma luz muito diferente da do dia: mais pareciam raios de sol. A sua aparência, a sua graça e a sua bondade fizeram-me lembrar a Mãe de Deus. Enquanto pensava sobre isso, ouvi palavras semelhantes a estas:

"Ah! Estou muito longe de ser Maria... sou, porém, da linhagem dela, e vivi trinta ou quarenta anos depois dela. Nasci nas proximidades do lugar onde ela nasceu; mas eu não a conheci, e não estive nos lugares consagrados pela sua presença e pelas suas dores, para não dar a conhecer que era cristã, porque eram tempos de grandes perseguições. Entre o meu povo a memória do Senhor e de sua Santa Mãe foi preservada com tanto ardor e vivacidade que procurei de todas as maneiras imitar suas virtudes: segui os passos do Senhor em minha alma e no lugar onde morava meditei, como faziam os cristãos, caminhando pelas estações da Via Sacra obtive a graça de experimentar as dores íntimas e secretas de Maria, e isto constituiu o meu martírio.

Um sucessor dos apóstolos, um sacerdote, foi meu amigo e guia." A aparição pronunciou o nome, do qual já não me lembro. um nome antigo e estrangeiro, embora creio já o ter ouvido outras vezes "Foi através deste padre que ela soube de mim; caso contrário, teria sido completamente desconhecida. Ele enviou alguns dos meus cabelos para Roma. Um bispo do seu país obteve alguns e os trouxe junto com muitos outros. Tudo isso foi completamente esquecido. Muitas relíquias e restos mortais da minha época também foram levados para Roma, embora não pertençam a mártires".

Isto é o que aprendi sobre a aparição. A forma como esta notícia é recebida é inefável. Tudo o que se diz a alguém é extremamente breve: de uma só palavra entendo mais coisas do que de trinta outras explicações. Descobre-se a ideia e o conceito de quem fala e tudo isso não se vê com os olhos, embora tudo pareça claro

e distinto, mais do que com as impressões naturais dos sentidos. Tais comunicações são recebidas com extraordinária alegria, como uma brisa suave num dia de intenso calor.

Coisas abençoadas e consagradas

Nunca vejo uma imagem milagrosa brilhar. Em vez disso, vejo diante dela um sol de luz, do qual a imagem recebe os raios de luz que incidem sobre aqueles que rezam diante dela. Nunca vi brilhar o Crucifixo de Kœsfeld; mas vejo a verdadeira relíquia da Cruz brilhando quando estava escondida no topo da cruz de Kœsfeld. Vi raios de luz descenderem sobre aqueles que oravam ajoelhados diante dela. Acredito que toda imagem, representação de Deus ou instrumento de Deus pode tornar-se milagrosa, com pleno triunfo da fé sobre a fraqueza humana, pela força da oração comum, cheia de confiança, de quem reza.

Certa vez o Peregrino colocou um AGNUS DEI diante dos olhos. Ela o pegou nas mãos e disse:

Está indo bem. Isto é abençoado; isso é bom; estive em contato com a força; Nessas relíquias descubro que há força.

Por ocasião de uma cruz abençoada, ele disse: A bênção brilha como uma estrela. Segure-a com grande honra. Mas os dedos consagrados do padre (acrescentou, voltando-se para o confessor), são muito melhores. Nesta cruz pode faltar a bênção; mas a consagração dos dedos é indelével e eterna. Nem a morte nem o próprio inferno podem fazê-lo desaparecer. Ela aparecerá distinta e visível também no céu. Esta consagração vem do próprio Jesus, que nos salvou.

A alguém que lhe trouxe uma pequena imagem da Virgem, ela disse:

Você está abençoado. Guarde-a bem e não o deixe entre coisas profanas. Aquele que honra e venera a Mãe de Deus será por Ela protegido diante de seu Divino Filho. Ajuda muito manter as coisas abençoadas no coração durante o ataque das tentações. Mantenha-a bem.

Levaram para ela uma pequena imagem e ela disse, colocando-a no peito.

Oh, a Senhora poderosa! Esta pequena imagem estava em contato com uma imagem milagrosa.

Uma moeda de São Bento e outras relíquias

O Peregrino presenteou-a com um copo de cristal, no qual havia uma moeda costurada em um pano macio. Ela disse:

O pano também é abençoado. Esta é uma moeda dedicada a São Bento. É uma consagração que São Bento deixou à sua ordem religiosa e está relacionada com o milagre que aconteceu quando aqueles monges lhe deram veneno, e ele fez o sinal da cruz e o vidro quebrou, caindo os fragmentos no chão.

Esta bênção protege contra pragas, venenos, enganar e ataques do diabo. O pano vermelho ao qual está costurada a moeda estava no túmulo de São Wilibaldo e Santa Valburga. Vem daquele lugar onde o túmulo de Santa Valburga destila um óleo milagroso.

Vi os eclesiásticos que andaram descalços para tocá-lo naquele túmulo, e cortaram-no assim para colocá-lo debaixo desta moeda, que foi abençoada naquele mosteiro.

O Peregrino colocou em suas mãos uma imagem de Santa Rita de Cássia, que havia sido tocada com uma gota de sangue dos estigmas da santa. Ana Catalina disse:

Vejo uma pequena freira sagrada, que parece sem ossos nem carne. Eu não posso tocá-la.

Noutra ocasião colocou-lhe nas mãos um livro aberto, cuja página estava banhada no sangue dos seus próprios estigmas. Sorrindo, ele disse:

O que é essa florzinha engraçada, listrada de vermelho e branco, que sai do livro e chega até o meio das minhas mãos?

Outro dia, quando o Peregrino lhe apresentou a mesma página, perguntando-lhe se havia tocado em algo sagrado, ela respondeu:

Sim; Ele tocou as feridas de Jesus Cristo.

Uma senhora de Paris enviou-lhe uma imagem que esteve em contato com os ossos de Santa Bobadilla. Ela colocou na testa. O santo apareceu-lhe e ajudou-o na sua dor. Ela viu todo o seu martírio.

O Peregrino deu-lhe um anel quebrado que esteve em contato com o túmulo de São Nicolau de Flue. Ana Catalina disse imediatamente:

Vi que o Irmão Nicolau se separou da família e como, por ser casado, não colocou nada ali, mas apenas o físico, o espiritual foi reforçado e se tornou mais poderoso. Vi o rompimento da união carnal, de uma forma particular, como o rompimento de uma aliança, e nesta ocasião tive um ensinamento sobre o casamento carnal e espiritual. O anel abençoado no túmulo de São Nicolau foi a razão para eu ter esta visão. O anel foi abençoado em homenagem ao irmão Nicolau.

RELÍQUIAS DE JESUS CRISTO E SUA SANTA MÃE

Relíquias do Sangue de Cristo e cabelos da Santíssima Virgem

O Peregrino havia recebido, em junho de 1822, uma maleta com a inscrição: DE CUORE JESU CHRISTI. O relicário veio de um convento carmelita suprimido em Colônia. Sem dizer nada a Ana Catalina, ela escondeu-o no armário que ficava ao lado da cama. No dia seguinte ele disse:

Passei esta noite muito inquieto e num estado extraordinário. Foi levada para esta direção (indicando o local onde estava a maleta) por um impulso doce mas forte, como que de uma fome insaciável; Era um apetite, um desejo que não podia ser acalmado. Pareceu-me que deveria voar para um lado e de lá para o outro. Fiquei muito emocionada e vi muitas imagens contemporâneas e sucessivas. Indo naquela direção, vi toda a cena de Jesus no Jardim das Oliveiras. Ajoelhado sobre uma pedra, ele suou sangue na caverna. Vi os discípulos dormindo e vi um quadro completo da agonia de Jesus e o quanto os pecados dos homens o angustiaram. Eu vi aquela pedra salpicada com o sangue que saiu do corpo de Jesus Cristo. As gotas estavam cobertas de areia ou terra e pareciam estar escondidas ali; mas parecia-me que aquela areia ou terra vinha em minha direção e se retirava das gotas para que eu

pudesse vê-las. Pareceu-me que isso aconteceu muito tempo depois do tempo real. Vi também uma imagem da Santíssima Virgem, que naquele mesmo momento estava num pátio da casa de Maria de Marcos, ajoelhada sobre uma pedra: a forma dos seus joelhos estava impressa naquela pedra. Ela também experimentou a angústia do Senhor e sentiu-se desmaiada, recebendo ajuda. Vi uma imagem relativa aos cabelos de Maria: estes estavam divididos em três partes. Os apóstolos, após sua morte, cortaram e dividiram seus cabelos.

O Peregrino mostrou-lhe a maleta que estava no armário, e Ana Catalina, depois de olhá-la com devota atenção, disse:

Também há o cabelo de Maria aqui. Eu os vejo novamente. Há, de fato, o sangue de Cristo aqui. Existem três glóbulos muito finos aqui. Esta relíquia funciona em mim de uma maneira muito diferente de todas as outras relíquias. Isso me atrai tão maravilhosamente; Deixa uma saudade doce e calma em meu coração. As outras relíquias brilham, comparadas a esta, como um fogo, e esta como o sol do meio-dia. Isto é sangue de Cristo. Certa vez vi um destilado de uma hóstia consagrada. Certamente, o sangue de Cristo permaneceu na terra, não como sangue substancial, mas como uma cor dele; Não consigo expressar melhor. Vi os anjos recolherem apenas o que caiu na terra na Via Sacra e durante a sua paixão.

Visões sobre essas relíquias sagradas. A princesa de Creta

Vi uma santa princesa, em traje de peregrina, chegar com um grande séquito a Jerusalém. Ela veio da ilha de Creta e ainda não era batizada, mas o desejava ardentemente. Eu a vi em Roma quando ela era pagã. Parecia que naquela época havia uma pausa nas perseguições, porque o Papa vivia num edifício em ruínas; Lá ela foi ensinada e os cristãos se reuniram em silêncio. Na Terra Santa as coisas estavam calmas, mas uma viagem a Jerusalém era acompanhada de muitos perigos. A cidade de Jerusalém mudara muito: algumas alturas foram niveladas e alguns vales profundos foram cobertos com escombros e preenchidos dentro da cidade. É por isso que certas estradas passavam agora por lugares sagrados. Creio que os judeus também foram obrigados a refugiar-se e a trancar-se numa determinada parte da cidade. Havia ruínas do antigo templo. O lugar do santo sepulcro permaneceu fixo e imutável próximo ao Monte Calvário, fora da cidade, mas não era possível chegar lá porque estava coberto de escombros e terra e murado ao redor. Nas proximidades, muitos homens santos permaneciam e viviam em cavernas ou abóbadas em ruínas, que veneravam aqueles lugares e pareciam ser aqueles que foram estabelecidos pelos primeiros bispos desde o tempo dos Apóstolos. Eles não conseguiam chegar fisicamente ao Santo Sepulcro, mas muitas vezes chegavam às suas proximidades em visões. Parece que os cristãos atraíram pouca atenção naquela época: podiam, sem serem incomodados, mas com certos cuidados, visitar os lugares santos, fazer escavações e retirar relíquias e coisas sagradas. Naquela época, vários corpos de santos mártires do primeiro período foram revistados e encontrados, e suas relíquias foram zelosamente guardadas.

Aquela princesa que ali peregrinava, rezando no Monte das Oliveiras, viu em visão o precioso Sangue e apontou-o a um sacerdote dos que guardavam o santo Sepulcro. Ele, com outros cinco, foi ao local designado e cavou a terra. Ele encontrou uma pedra vermelha sobre a qual Jesus Cristo suou sangue; Estava coberta com muitas gotas de sangue. Como não conseguiram separar a pedra da rocha da qual fazia parte, separaram de um lado um pedaço do tamanho de cinco palmos. A princesa peregrina recebeu uma parte desta pedra. Ele também obteve outras relíquias

sagradas e fragmentos das roupas de São Lourenço e do velho Simeão, cujo túmulo foi destruído não muito longe do mesmo templo. Lembro-me que o nome daquela princesa é sagrado, mas desconhecido entre nós. O fragmento de pedra era triangular e cheio de veios de cores diferentes. Primeiro foi colocado dentro de um altar; mais tarde no pedestal de um ostensório.

O pai daquela jovem princesa veio dos reis de Creta (então em poder dos romanos). Este príncipe ainda possuía muitos bens e vivia num castelo próximo a uma cidade localizada no lado ocidental da ilha, chamada Cydon ou Canea. Lá vi crescer muitos frutos amarelos, longos e obtusos no topo (frutos da árvore Malun Cydonium).

Entre a cidade e o castelo existia um grande arco através do qual se avistava a cidade, à qual se chegava por uma estrada real. O pai teve outros cinco filhos; A mãe morreu quando a menina ainda era pequena. Ela já havia estado na Terra Santa e em Jerusalém. Um dos seus antepassados conheceu aquele Lântulo que tinha tanto carinho por Jesus e tanta amizade com Pedro; através dele ele conheceu as verdades do cristianismo. A partir disso eu sabia que o pai da menina não era inimigo do Cristianismo. Enquanto ele estava em Roma com o jovem que seria seu genro, conversaram sobre o cristianismo e o jovem disse que desejava ardentemente ser cristão. Acho que desta vez foi sobre o futuro casamento ou pelo menos eles ficaram amigos.

O pai da jovem e o marido foram melhor instruídos na fé por um padre. O jovem marido, que tinha o posto de conde, era de origem romana, embora nascido na Gália.

O rei afastou-se cada vez mais da adoração dos deuses e do modo de vida dos pagãos; e a filha e os filhos ouviam frequentemente elogios ao cristianismo.

O rei tinha direitos sobre o Labirinto de Creta; mas ele os renunciou justamente por causa de seu modo de pensar diferente, cedendo esses direitos ao cunhado. O Labirinto de Creta e o templo não tiveram tanto horror como em épocas anteriores, em que as criaturas humanas eram muitas vezes levadas a serem despedaçadas por feras ferozes; No entanto, os cultos aos ídolos eram celebrados e muitos o visitavam por causa de suas maravilhosas raridades. Lá dentro foram cometidos atos vergonhosos e abomináveis. À distância parecia uma montanha coberta de vegetação. Quando a jovem esteve em Roma para ser instruída na fé cristã, ela teria dezessete anos. Quando no ano seguinte ela peregrinou com outras pessoas da mesma idade a Jerusalém, pareceu-me que seu pai havia morrido e que ela estava livre e dona de si mesma. Ela carregava consigo o precioso Sangue, dentro de um cinto ricamente bordado, no qual eram visíveis muitas pequenas aberturas. Os peregrinos costumavam usar esses cintos pendurados nos ombros. Quando regressou a Creta, não demorou muito para que o seu noivo viesse procurá-la num navio equipado. Ele passou algum tempo em Creta e depois a levou para Roma, onde permaneceram por muito tempo. Lá ele se batizou secretamente.

Neste momento a cátedra de Pedro permanecia vaga por algum tempo: houve discórdia e confusão e ocorreram muitos assassinatos secretos de cristãos.

De Roma eles embarcaram em um navio, escoltados por muitos soldados, para a Gália. Desde o casamento, eles passaram cerca de meio ano entre Creta e Roma. O Preciosíssimo Sangue foi carregado pelo conde durante sua jornada em um cinto ao redor de seu corpo. A esposa deu-o a ele como garantia de sua fidelidade. A parada foi no Ródano, não muito longe de Avignon e Nîmes, pois eram apenas sete horas de viagem; O castelo estava localizado em uma ilha. Tarcasus e o retiro solitário de Madalena não ficavam longe dali. Em Nîmes já existiam alguns preceptores cristãos, que viviam secretamente em comunidades.

O claustro de Santa Marta estava localizado numa montanha entre o rio Ródano e um lago. O castelo do conde ficava numa ilha e não muito longe dali havia uma pequena aldeia. Esta cidade de San Gabriel deve sua origem a um milagre.

Um homem foi salvo de uma tempestade que o surpreendeu no lago.

Lá o conde era frequentemente visitado por um eremita, que era um sacerdote santo.

O sangue mais precioso

O Sangue preciosíssimo de que falei foi inicialmente preservado sob um arco subterrâneo. Era um espaço escuro que só poderia ser alcançado passando por muitos outros arcos e abóbadas; Sob uma dessas abóbadas vi plantas, arbustos e provisões; No inverno, eles levavam árvores floridas para lá. O precioso Sangue era guardado numa espécie de cálice e repousava sobre o altar diante do qual ardia uma lâmpada, numa espécie de tabernáculo feito de ângulos, com uma abertura no seu interior, vi aqueles casais, muitas vezes dedicados à oração. Mais tarde vi que viviam uma vida eremita, separados uns dos outros a uma certa distância do castelo e que se encontravam apenas para fazer as suas devoções diante do preciosíssimo Sangue. Entendi que ouviram uma voz que lhes ordenava construir uma capela. Na verdade, construíram um precisamente no local onde antes ficava a sala de jantar. Assim vi que a devoção ao Preciosíssimo Sangue crescia cada vez mais, embora sempre secretamente. Mais tarde o Sangue do Senhor foi transmitido em herança, com documentos duplicados, mas com reserva e muita cautela.

Vi algo de São Trófimo de Arles naquela época; Lembro-me apenas de alguns nomes. Muito antes de o conde se casar, havia cristãos que haviam chegado da Palestina, e o conde sempre os tratou bem e os protegeu. Havia comunidades cristãs naqueles lugares, embora permanecessem escondidas. O pai da jovem manteve seu modo de pensar em segredo dos filhos mais velhos, que não pensavam como ele; Por outro lado, os irmãos mais novos tinham a fé da irmã e creio que houve mártires entre eles.

No dia 11 de julho, Ana Catalina voltou a dizer:

Estava pensando no Sangue do Senhor e olhei para o altar existente no castelo da condessa. Vi esta pessoa quando ela era criança, na casa do pai, na ilha de Creta, e depois durante a sua estada com o conde na cidade de Roma. Ali mesmo vi São Moisés, ainda criança, quando levava todo tipo de conforto, alimento e ajuda aos doentes e aos presos cristãos.

Vi o conde e a condessa em Roma, em locais subterrâneos com outros cristãos e com padres, lendo manuscritos à luz de lâmpadas; Parecia que eles eram secretamente instruídos na fé. Naquela época, muitas pessoas ilustres eram batizadas. Não havia perseguição pública naquela época; mas quem era pego como cristão estava perdido.

Havia algum tempo, alguns cristãos vieram da Palestina e se estabeleceram perto do conde, que mantinha relações com eles. No início não tinham missa e praticavam juntos a oração e a leitura dos livros sagrados. Mais tarde, um eremita ia a cada seis meses; depois um padre de Nîmes, que celebrava a missa. Isso acontecia naquele momento em que podiam levar e guardar consigo a sagrada Eucaristia. Quando o conde e a condessa se separaram, para viverem como eremitas, já tinham filhos adultos: dois filhos e uma filha. As suas ermidas ficavam a meia hora de caminhada uma da outra e do castelo, sempre dentro dos limites das suas posses. Para chegar lá, eles tinham que atravessar uma ponte sobre um rio. Eles tinham algum tipo de

prédio pequeno construído com abóbadas. Havia muitos cristãos por perto que viviam da mesma maneira. Ajudaram-se mutuamente e finalmente foi construído ali um convento. Não morreram ali nem foram martirizados, porque quando surgiu a perseguição refugiaram-se noutro lugar.

No dia 15 de julho indicou uma relíquia pertencente ao Papa Anacleto. Ele disse que foi o quinto Papa, sucessor de Clemente e mártir. Ao mesmo tempo referiu-se novamente ao precioso Sangue dando a seguinte notícia:

O sacerdote que extraiu o Sangue preciosíssimo da pedra foi o santo Bispo Narciso. Ele era da linhagem dos Três Reis Magos, com quem seus ancestrais vieram para a Palestina. Uma grande luz apareceu quando, à noite, ele cavou no Jardim das Oliveiras. Aquela princesa virgem de quem falei antes estava presente. Narciso estava vestido à maneira dos Apóstolos. Jerusalém estava então quase irreconhecível; como resultado da destruição, os vales ficaram cheios de escombros e algumas alturas foram destruídas. Os cristãos ainda tinham uma igreja perto do tanque de Betesda, entre Sião e o templo, onde já existia uma igreja no tempo dos Apóstolos. Já não existia. Moravam em cabanas e embora os locais fossem fora da cidade, prestavam uma homenagem para poder entrar na igreja.

Nas portas vi um homem e uma mulher a quem deviam prestar homenagem.

Eles pagaram cinco moedas pequenas e isso era válido por um certo tempo. O reservatório de Betesda, com seus pórticos com colunatas, não existia mais; tudo estava cheio de escombros. Havia uma fonte coberta de um edifício, cujas águas eram consideradas sagradas, usavam-nas para curar doenças e veneravam-na como nós fazemos com a água benta.

O nome daquele conde era semelhante ao do amigo de Santo Agostinho; Pontiziano; a condessa chamava-se Tazia ou Dacia; Não consigo expressar melhor. A festa deste santo é celebrada no final de maio ou início de junho.

Notícias sobre o Cardeal Giménez

Na tarde de 18 de julho, Ana Catalina disse de repente: Estava comigo um cardeal, que era confessor da rainha Isabel. Ele foi um grande diretor espiritual e me disse que eu deveria me culpar pelo bem negligenciado e não realizado e que deveria expiar muito os pecados dos outros. Ele apontou e me mostrou Santa Dátula, que tinha a relíquia do precioso Sangue. Ela conhecia o imenso valor de sua relíquia e, abandonando todos os seus bens, viveu com o marido na solidão para lamentar seus pecados. O cardeal que me apareceu chama-se Giménez. Eu nunca tinha ouvido esse nome antes; Ele não foi declarado santo.

A ilha de Creta. São Dátula e Pontiziano

Um dia vendo muitas coisas relacionadas a Santa Marta, indicou o local onde moravam Santa Dátula e Pontiziano:

A ilha com o castelo ficava na costa, no ponto onde deságuava um braço oriental do Ródano. Demorava cerca de meia hora para percorrer aquela ilha. Pontiziano tinha alguns soldados sob seu comando e seu castelo parecia uma fortaleza cercada por muralhas. A sete horas de viagem, subindo o Ródano, fica a cidade de Arles, e a cerca de oito horas de viagem mais adiante, o convento de Santa Marta, numa altura cheia de obstáculos.

No dia 24 de julho narrou, com extraordinária animação e entusiasmo infantil:

Creta era uma ilha longa, estreita e muito profunda; No centro corria uma fileira de montanhas que a dividia em duas partes. O castelo do pai de Santa Dátula era um edifício de uma beleza maravilhosa e era parcialmente escavado entre as rochas de mármore em forma de terraços sobrepostos. Nestes terraços existiam pórticos com colunas e os pátios também eram rodeados por pórticos, sobre os quais existiam jardins. O pai da jovem havia construído os terraços e penséis como defesas em frente ao seu castelo, e quando foi iniciado no cristianismo, isso serviu para separá-lo dos vizinhos, da proximidade do Labirinto e do abominável templo dos ídolos. Ele era um homem muito dado às artes plásticas. Sempre o vi entre artistas e arquitetos habilidosos, reunidos ao seu redor. Sua cabeça era um tanto careca e escondida atrás das costas; De resto, era bem formado e muito solícito e benevolente. Ele possuía vastas terras na ilha e tinha alguma autoridade. A parede exterior do castelo era feita em forma de degraus. Os terraços tinham um aspecto florido e cuidado e serviam de entrada para os quartos interiores.

Hoje é aniversário do dia em que Pontiziano veio tirar Dátula do palácio do irmão, para tomá-la como esposa, já que o pai da jovem não estava vivo. Durante a noite vi a festa maravilhosa que foi realizada. Ainda preservo em minha fantasia os rostos das pessoas, servos e servas que vi. Dois irmãos de Dátula moravam no palácio; Ambos tinham muitos filhos, rapazes e moças, e havia muitos servos ali. Cada criança tinha um tutor e um certo número de homens e mulheres para atendê-lo. Todos os parentes também estavam lá com seus servos.

A estrada que levava ao castelo tinha arcos triunfais e assentos dispostos em ambos os lados durante meia hora; Os arcos eram decorados com flores, estátuas e ricas tapeçarias. Uma multidão de crianças brincava e cantava, estendendo-se até a porta do castelo, diante da qual havia sido erguida uma plataforma para a esposa. Pontiziano chegara dias antes a um porto vizinho em um barco cheio de soldados, criados e criadas, e de presentes e doações; e ele se retirou para outro castelo próximo para colocar a procissão em ordem. Junto com a esposa, o que mais comovia era a alegria de todos os parentes e dos escravos e servos.

Todos foram tratados com muita familiaridade, com muita caridade e amor, e receberam muitos presentes, e pareciam muito felizes e alegres. Estavam todos próximos à estrada que levava ao castelo; primeiro os mais humildes, depois os mais exaltados e, por fim, nas cadeiras, os filhos das famílias com o seu séquito. Pontiziano avançou com grande pompa em procissão. Os servos precediam com distintivos e condecorações de sua patente e depois os soldados que os cercavam; Conduziam burros e cavaleiros, muito velozes, carregando cestos cheios de vestidos e enfeites, enquanto outros conduziam copos cheios de todo tipo de geléias. Pontiziano estava sentado numa carruagem larga e espaçosa, de maravilhosa beleza, que mais parecia um trono.

Na frente brilhavam os eixos iluminados, em bases que pareciam de vidro, e na capota do mesmo carro havia luminárias semelhantes. Tudo foi decorado com lindos tapetes, com ouro e prata. O lindo carro era puxado por um elefante enjaulado. Na comitiva havia um grande número de senhoras e donzelas.

Tudo era conduzido com ordem e alegria naquele lindo país. As estradas estavam cheias de flores, lindas frutas e pessoas com alegria no rosto. Por toda parte havia alegria e exclamações alegres eram ouvidas, sem tumulto ou devassidão. Quando a procissão dos noivos chegou ao local onde estavam os primeiros criados, colocados na estrada principal, os que antecederam Pontiziano começaram a distribuir vestidos, enfeites e bolos e geléias. Alguns bolos eram decorados com flores, galhos e plantas.

Assim a procissão marchava enquanto as distribuições eram feitas em meio à alegria geral. Quando o marido chegou onde estavam os filhos da família, eles espalharam tapetes e tecidos de seda, enfeitados com franjas, na estrada, e o marido foi saudado com cantos e músicas do coral infantil. O marido desceu da carruagem, distribuiu presentes aos cantores e a procissão continuou até chegar aos irmãos e parentes da esposa. Finalmente, passando por um amplo e ornamentado arco triunfal, chegaram a uma ponte, onde pararam. Entre os esguios edifícios, aparecia no meio dos jardins um teatro construído em forma de grande nicho com muitos degraus e terraços, adornado com flores, imagens e estátuas.

As arquibancadas eram cobertas com magníficos tapetes e as paredes perpendiculares dos terraços eram cobertas com tapetes e belas imagens. Pareciam transparentes e translúcidas, e lembro-me de ter visto toda uma cena de caça representada ali com feras, cujos olhos brilhavam como se fossem feitos de fogo. A cena do namoro ocorreu em plena luz do dia; mas esse teatro foi colocado numa cavidade profunda, e por isso tudo ao seu redor foi iluminado com luzes artificiais. Havia também machados em chamas, semelhantes aos que estavam na carruagem do noivo.

Em torno daquele edifício existia um semicírculo de pequenas construções de onde, à chegada do marido, saía uma canção melodiosa, acompanhada por harmoniosas flautas.

O mais atracente de toda aquela imagem era a esposa Dátula, sentada num trono alto. Familiares, amigos e empregadas domésticas ocuparam as arquibancadas, em duas filas. Estavam todos vestidos de branco; seus cabelos trançados com arte, cheios de enfeites e joias; Eles usavam véus muito longos. Dátula tinha um vestido branco brilhante, que parecia seda, com longas pregas; seus cabelos trançados com pedras preciosas. Não posso dizer o quanto fiquei feliz e emocionado ao ver sob seus vestidos, acima de seus corações, a cintura bordada que continha a relíquia do precioso Sangue de Jesus Cristo.

Esse esplendor superou em brilho toda a magnificência que vi ao redor da festa. Vi também que o coração de Dátula estava imerso em doces pensamentos na presença daquela santa relíquia. Ela parecia um ostensório vivo.

Quando o marido apareceu na presença de Dátula, seus servos e servas, rodeando-o em semicírculo, presentearam-no, sobre uma grande almofada de seda, os ricos presentes e dons da noiva. Eram lindas vestes, pérolas e riquíssimas decorações. Todos esses presentes foram cobertos por um magnífico véu e decorados com arabescos e listras. Eles foram então retirados de lá pelas empregadas. Então Dátula desceu do trono com sua comitiva, cobriu-se com o véu e humildemente dobrou os joelhos diante de Pontiziano, que, levantando-a, retirou o véu e, guiando-a pela mão, conduziu-a por aquela parte da procissão que era à direita; então, voltando-se, ele virou para a esquerda. Apresentou-a desta forma às pessoas da sua corte, como a futura senhora e soberana da casa. Foi verdadeiramente comovente ver como ele levou a relíquia do precioso Sangue entre os pagãos. Acho que o marido percebeu, porque eu o vi muito emocionado e cheio de admiração. Depois de tudo isso, o casal retirou-se com sua comitiva para o castelo.

Não preciso dizer quanta ordem e harmonia reinavam naquela multidão, e como aquela gente feliz se dividia e se distribuía nos aposentos, nos pátios, no terraço, nos bosques entre as tendas, e como comiam a sua comida, eles se divertiram e cantaram alegremente. Eu não vi nenhuma dança.

Então vi um grande banquete numa vasta sala redonda. A esposa estava sentada ao lado de Pontiziano. A mesa era mais alta do que era habitual entre os judeus e os homens apareciam deitados nas camas. As senhoras estavam sentadas de pernas

cruzadas. Naquela mesa apresentaram coisas admiráveis. Grandes animais e figuras podiam ser vistos carregando comida nas costas, ou nas laterais, ou em cestos, presos entre as mandíbulas. O cenário estava muito atrativo e os convidados brincaram quando as figuras dos animais apareceram. Os copos que continham as bebidas brilhavam e eram transparentes como se fossem de madrepérola. Durante toda a noite contemplei este espetáculo.

Não vi a cerimônia de casamento, mas vi a saída de Dátula e Pontiziano.

Muita bagagem foi enviada ao navio com antecedência; e entre lágrimas e votos de felicidade a procissão dirigiu-se ao porto. Nesta procissão vi Dátula e Pontiziano sentados num carro alegórico com outras pessoas. O carro tinha muitas rodas e era construído de tal forma que nas curvas da estrada se dobrava sobre si mesmo, de modo que as que estavam em cima formavam um semicírculo. Era puxado por cavalos pequenos e vigorosos. Em todas essas festas não vi nada de indecoroso, nem o menor incômodo. Embora fossem todos pagãos, não havia nada de idólatra; Pelo contrário, parecia que tudo isso agradava ao Senhor. A família já parecia muito inclinada ao cristianismo. Os homens eram arrojados e bonitos, e não posso esquecer a esbeltez e a beleza das donzelas e mulheres daquele lugar.

Dátula levou consigo muitos e também sua babá e governanta, que era muito inclinada ao cristianismo. Não testemunhei o embarque.

Reconhecimento de uma relíquia

No dia 11 de fevereiro de 1821, enquanto Ana Catarina estava em êxtase, o Peregrino deixou uma imagem do Crucifixo na cama. A vidente pegou-a e disse: Esta imagem deve ser venerada. É lindo; estava em contato: é por isso que brilha tanto. (Colocando a imagem no peito, acrescentou):

Esta imagem tocou o manto de Jesus Cristo, e neste manto há uma gota do Sangue de Cristo, do qual ninguém tem conhecimento. Esta mancha de sangue está na parte superior do pescoço.

Outra relíquia do Preciosíssimo Sangue

(8 de abril de 1823) Tive um grande e difícil trabalho com relíquias de tempos antigos. Isto aconteceu num país mais distante que a Terra Santa. Os eclesiásticos de lá não eram como os católicos. Eles estavam vestidos à maneira da igreja antiga e pareciam aqueles que viviam no Monte Sinai. Pareceu-me que estive naquela região onde via sempre o mais próximo dos três Reis Magos. A cidade onde se conservava o antigo livro das Profecias esculpido em folhas de bronze ficava à esquerda (*). Ali tive uma tarefa com relíquias do Sangue de Cristo e tive que mostrar àqueles sacerdotes um tesouro de relíquias. Eu vi sete velhos sacerdotes escavando dentro de uma antiga parede em ruínas, em uma caverna subterrânea. Eles primeiro examinaram o lugar para ter certeza de que não havia ameaça de cair sobre eles. As relíquias sagradas estavam muradas no interior de uma pedra muito grossa, que parecia formada por uma única peça, mas que na verdade era unida com arte por três partes triangulares. Quando conseguiram abri-la, encontraram em seu interior um pano grosso e escuro tecido com crina e cabelos e abaixo dele um verdadeiro tesouro das santíssimas relíquias pertencentes à Paixão e à Sagrada Família. Tudo estava encerrado em vidros triangulares, colocados um ao lado do outro. Ali havia terra, que esteve sob a cruz do Senhor, banhada e colorida com o Sangue do Senhor, e uma pequena ânfora cheia de água que saía da ferida no lado: esta água era límpida e resplandecente e tão tenaz que não derramou do vidro.

Havia também espinhos da coroa, um pedaço do manto púrpura do Ecce Homo, alguns fragmentos das vestes da Virgem, relíquias de Santa Ana e muitos outros. Havia sete padres que trabalhavam naquela clandestinidade e chegaram alguns diáconos. Acho que colocaram o Santíssimo Sacramento em cima. Eu tinha muito que fazer e tive que libertar muitas almas do Purgatório. O precioso Sangue me ajudou neste trabalho. Acredito que os Apóstolos já celebraram a Missa naquele lugar.

() Em outro capítulo ela fala sobre os manuscritos e aponta a cidade de Ctesifonte como o local onde ainda estão sepultados.*

A lança sagrada do Senhor

(Junho de 1820) *O confessor recebeu algumas relíquias sem nome que pertenciam a um relicário do ducado de Dulmen. Levando estas relíquias a Ana Catalina, assim que esteve na sua presença, exclamou:*

Picada, picada; este é o sinal. Senti uma pontada muito forte.

Na verdade, a ferida do seu lado começou a sangrar. Ele então teve uma visão sobre Longino, que relatou da seguinte forma:

Eu vi o Senhor morto na cruz. Vi tudo: os lugares e as posições, e vi as pessoas como na Sexta-Feira Santa. Foi na época em que as pernas dos crucificados foram quebradas. Longino tinha um cavalo mula, pois não era como os nossos cavalos; Aquele tinha um pescoço muito mais grosso. Ele estava fora do círculo dos executados; Avançou a pé, dentro do círculo, com sua lança; Ele subiu a colina do Gólgota e atingiu o Senhor no lado direito. Ao ver o sangue e a água jorrando, ficou muito comovido; Ele desceu da montanha, montou em seu cavalo e dirigiu-se rapidamente para a cidade. Ele foi até Pilatos e disse-lhe que tinha Jesus como Filho de Deus e que não queria mais ser soldado. Na verdade, ele deixou sua lança e outras armas ao lado de Pilatos e saiu de lá. Creio que foi Nicodemos quem encontrou no caminho e a quem narrou o acontecido e a partir desse momento juntou-se aos discípulos.

Pilatos considerou aquela lança indigna e vergonhosa, como instrumento de tortura, e não quis mantê-la consigo. Acredito que foi assim que Nicodemos a recebeu do próprio Pilatos. Parece-me que temos outra relíquia de Nicodemos.

Tendo aquela relíquia em seu armário, ele disse certa vez:

Aqui estão os soldados com a lança sagrada!... Há ali uma pequena parte da lança do Senhor. É Vitor quem carrega uma pequena parte da lança dentro de sua própria lança. Apenas três sabem. (Mais tarde narrou): Depois do meio-dia experimentei a sensação como se a cruz do Senhor repousasse sobre mim e como se o seu Corpo sagrado estivesse morto nos meus braços, no meu braço direito. Não muito longe estava a lança sagrada em dois fragmentos: um grosso e outro menor. Qual devo levar para meu conforto? . . Peguei o Corpo sagrado e a lança desapareceu de mim. Desde então pude falar novamente. (Em outra ocasião):

Olhei muito para a lança sagrada e me pareceu que ela estava inserida no meu lado direito e a senti passar para a esquerda, entre as costelas. Coloquei minha mão sobre o ferimento para guiar a ponta entre uma costela e a outra.

Efeitos de uma relíquia da Santa Cruz

O diário do Dr. Wesener, datado de 16 de outubro de 1816, contém este primeiro relato do reconhecimento de relíquias. Tendo colocado uma caixinha diante dos seus olhos, Ana Catalina disse:

Esta caixinha contém algo muito precioso: uma pequena parte da verdadeira Cruz. Também a tenho no peito (uma relíquia da Cruz). Eu também tenho uma relíquia da lança. O corpo estava pendurado na cruz, mas a lança estava no corpo. Qual dos dois devo amar mais? A cruz é o instrumento da redenção; A lança abriu uma ampla porta para o amor. Ah, ontem eu fui lá dentro! (Era uma sexta-feira). A relíquia da cruz torna doces as minhas dores; a relíquia da lança os afasta. Muitas vezes, quando a relíquia da cruz ameniza minhas tristezas, tenho dito com confiança ao Senhor: "Ó meu Senhor! Se para Ti foi doce sofrer nesta cruz, como poderia esta pequena parte dela não amenizar minhas tristezas?"...

Tendo perdido esta relíquia numa mudança de endereço, ela ficou perturbada e implorou a Santo Antônio que a encontrasse para ela.

Em 17 de agosto ele disse:

Ao meu lado estavam São José e Santo Antônio, e Santo Antônio colocou em minhas mãos o fragmento da cruz que havia perdido.

Um vestido da Santíssima Virgem

(20 de julho de 1820) Voltei a descobrir naquele pequeno pacote de relíquias que o confessor me trouxe, um pequeno fragmento de pano, de cor escura, que pertencia à Mãe de Deus. Por esta razão vi uma imagem relativa à Virgem. Após a morte de Jesus, ela viveu isolada com uma empregada em uma casa pequena e solitária. Numa visão das bodas de Caná, vi que Maria havia usado ali este vestido, cuja relíquia eu tenho; Era um vestido típico de uma solenidade. Maria morava sozinha naquela casinha, onde os discípulos, os apóstolos e São João a visitavam. Nenhum homem estava abrigado ali. A empregada ia em busca do pouco que precisavam para se alimentar. Os arredores eram calmos e pacíficos, e a casinha não ficava longe de um bosque.

Vi Maria, com este vestido, visitando e caminhando lentamente por um caminho que ela mesma havia preparado perto do seu quarto, em memória do caminho doloroso que Jesus percorreu durante a sua Paixão. Vi que primeiro ela percorria aquele caminho completamente sozinha e mediu a distância de todas as estações, de acordo com o número de passos do caminho que Jesus percorreu, passos que Maria tantas vezes contou depois da morte do Senhor. De acordo com esse número de passos, nos pontos onde algo notável havia acontecido com Jesus, Maria colocava uma placa, empilhando pedras ou apontando para uma árvore. Este caminho terminava num pequeno bosque e o túmulo de Jesus era marcado por uma gruta aberta numa pequena colina. Depois de a Virgem ter indicado todo o caminho, ela percorria-o com a sua criada, imersa numa contemplação muda. Ao chegarem a uma estação, sentavam-se e meditavam o mistério no seu sentido íntimo, rezavam e ordenavam tudo para que fosse sempre melhor. Vi que Maria, com um pequeno buril, esculpiu na pedra o significado da estação, o número dos passos e outras coisas semelhantes. Elas limpavam a pequena gruta do túmulo e tornaram mais confortável a oração. Não vi nenhuma imagem ou cruz ao longo de todo o caminho; Eram inscrições simples que indicavam os passos da Paixão. Aquele local, arranjado por Maria, tornou-se com o tempo muito bonito e confortável devido às visitas de

peessoas e repetidos arranjos. Após a morte de Maria, pessoas piedosas percorriam aquele caminho, rezando e beijando a terra. A casa onde Maria morava era separada internamente por leves paredes móveis, da mesma forma que a casa de Nazaré.

O vestido a que pertencia esta relíquia era o exterior que cobria as costas, alongando-se em algumas pregas e atingindo os pés. Uma das partes superiores caía sobre as costas e o peito, e chegava ao outro lado, onde era unida por um botão, formando assim uma abertura no pescoço. Com a ajuda de um cinto era preso no meio do corpo; Cobria assim os dois lados, começando pelas axilas e chegando aos pés. Cobriu toda a parte interna do vestido, ou túnica, que também era de cor escura. Esse vestido externo abria dos dois lados, mostrando o forro interno. Esses forros tinham listras vermelhas e amarelas ao longo e transversalmente. Este fragmento da relíquia veio de fora. Parece-me que era um vestido que se usava nas solenidades e que assim se usava, segundo os antigos costumes dos hebreus. Santa Ana usou um semelhante. A túnica, a frente do busto e as mangas foram cobertas com este vestido. A túnica tinha mangas estreitas, um tanto enroladas nos cotovelos e nos pulsos. Ela prendia os cabelos dentro de uma touca amarelada, que descia sobre a testa, formando dobras na nuca. Por cima ela usava um véu preto de tecido fino que descia até metade do corpo.

Com este vestido via a Virgem percorrer a Via Sacra nos últimos tempos. Não sei se ela o usava porque era um vestido solene ou porque no momento da crucificação do Salvador ela estava com esse vestido de luto sob o manto que a envolvia. Vi naquele lugar a Virgem, já muito avançada em idade, embora não aparecesse nos seus traços nenhum sinal de idade, a não ser uma expressão de desejo e aspiração mais ardente ao céu, que contribuía para a transfigurar divinamente. Ela sempre parecia indescritivelmente séria e serena: nunca a via rir. À medida que crescia, ela parecia mais sincera e transparente em suas feições. Ela era magra. Não vi rugas ou sinais de decomposição em seu rosto. Ela parecia espiritualizada. Abrindo a relíquia, vi que era um fragmento de tecido listrado, do tamanho de um dedo.

Outras relíquias de Maria Santíssima

(14 de novembro de 1821) Fiz minha viagem habitual à Terra Santa, precisamente a alguns lugares onde vi relíquias de Maria e aprendi a história delas. Conheci Santa Paula em Roma e pareceu-me que era o dia da sua partida para a Palestina.

Pareceu-me que íamos juntas visitar aqueles lugares sagrados. Não sei explicar como vi tantas relíquias da Santíssima Virgem. Estive num lugar, acho que se chama Chiusi, onde estava guardada a aliança de Maria, que hoje fica em Perugia. Vi que em Chiusi ainda aparecia num relicário uma pedra preciosa branca, que não era o anel. Da história do anel, que vi na íntegra, lembro apenas que um jovem, ao ser levado para ser sepultado, levantou-se do caixão e declarou que nunca mais conseguiria descansar se sua mãe, cujo nome era Judite, mulher de grande vaidade, não devolvesse à igreja a aliança que possuía, que era a da Virgem. Dito isto, ele se recompôs no caixão.

Estive num lugar, mas não sei se é o mesmo lugar onde foi colocada pela primeira vez a santa casa de Loreto, ou se de lá vieram os utensílios que me foram mostrados. Não os vi em nenhuma igreja cristã; Aqueles que foram para lá pareciam turcos. Foram preservados pratos e copos de barro, que se encontravam na casa de Loreto quando esta foi transportada para a Europa. Não sei se aqueles utensílios eram os verdadeiros ou os imitados que Santa Helena havia feito. Em Loreto existem muitas dessas relíquias. Santa Helena ordenou que tanto os verdadeiros como os imitados fossem encerrados numa urna de vidro bem protegida para que

durassem muito tempo. Pareceu-me que os utensílios de Loreto eram os verdadeiros. Quando os vi, estavam muito bem guardados debaixo de um altar.

Também vi, embora não me lembre do local, numa igreja grega na Ásia, um fragmento do véu de Maria de cor amarelo pálido. Tantos fragmentos daquele véu, que era muito extenso, já haviam sido distribuídos que só restou um pequeno pedaço. Ele havia chegado àquela igreja através de São João Evangelista. Vi uma imagem onde me mostravam como as pessoas discutiam se era uma relíquia verdadeira ou não. Um homem imprudente tentou se apossar daquele pano e sua mão ficou paralisada, enquanto sua esposa orava fervorosamente por ele. Também São Lucas esteve presente, entre estes homens, e testemunhou a autenticidade da relíquia: tomando o véu, colocou-o na mão ferida do homem e este foi imediatamente curado. Lucas deu àquelas pessoas uma declaração escrita desta relíquia, e não existe nenhuma evidência de que a escrita ainda exista lá. Contou-lhes sobre sua vida anterior e como se dedicara ao cultivo das artes plásticas e se dedicara a viajar por vários lugares, tendo a oportunidade de ver Maria, quando ela foi a Éfeso com São João. Ele também falou sobre as imagens que pintou.

Eu estava em um lugar onde estava preservada uma vestimenta externa de Maria. Acho que era na Síria, perto da Palestina. Era um daqueles vestidos que Maria distribuiu a duas mulheres pouco antes de morrer. Estas pessoas não eram católicas romanas; Acho que eram gregos cismáticos. Eles tinham uma adoração pomposa por aquela relíquia e se orgulhavam de possuí-la. Acredito que São Francisco de Assis tenha ido a estes locais e obtido um milagre, ou, pelo menos, a confirmação da autenticidade da relíquia.

Vi que onde se conservava a declaração de autenticidade escrita por São Lucas, se conserva também uma carta escrita pela mão de Maria. É muito breve e está maravilhosamente preservada. Compreendi-o perfeitamente e talvez o seu conteúdo volte à minha memória. João queria que Maria o escrevesse para certas pessoas que não acreditavam no que ele havia pregado sobre Jesus Cristo.

Vi uma imagem de Maria e das faixas e panos de Jesus que outrora foram guardadas numa magnífica igreja em Constantinopla. O local onde essas relíquias estão agora localizadas não é conhecido. Vi também que um peregrino que transportava consigo uma quantidade de relíquias das roupas e cabelos de Maria, ao regressar da Terra Santa, foi atacado por ladrões e ferido. Os criminosos jogaram as relíquias no fogo. O ferido conseguiu chegar ao fogo, encontrou as relíquias intactas e de repente recuperou a saúde.

Pedras nas quais os apóstolos celebraram

Em Éfeso, onde ficava a casa de Maria, ainda existe uma pedra sobre a qual os apóstolos Pedro e João celebraram a santa Missa. Cada vez que Pedro e João chegavam à Palestina, visitavam a casinha de Nazaré e ali celebravam missa. Um altar foi erguido onde antes ficava a casa. Um pequeno armário, usado por Maria, foi convertido em tabernáculo. A casa de Ana ficava na periferia, a meia hora de caminhada de Nazaré.

Dali era possível chegar à casa de Maria e José em Nazaré, despercebida, por estradas perdidas, numa pequena colina. Não era construída exatamente no morro, mas nos fundos, separada por um caminho estreito, onde havia uma janelinha, já que aquela parte era muito escura. A parte de trás da casa era triangular, como a casinha de Maria em Éfeso; Neste triângulo ficava o quarto de Maria, onde ela recebeu o anúncio do Anjo. Este triângulo era separado da casa pela parede da lareira, que consistia, como em Éfeso, numa escavação na parede, no centro da

qual, acima do local da lenha, subia uma chaminé e terminava num cano que se projetava do teto. No final desta chaminé vi mais tarde dois sininhos suspensos. À direita e à esquerda havia duas portas que levavam aos quartos de Maria. Na parede da casa havia aberturas ou nichos onde eram guardados diversos utensílios. A pequena cama onde Maria descansava ficava do lado direito, atrás de uma parede móvel, uma espécie de biombo. No lado esquerdo havia um pequeno armário. Atrás da lareira havia uma travessa direita de madeira de cedro, sobre a qual assentava a parede, e dali saía outra travessa transversal, que se estendia até ao fim do ângulo. O oratório de Maria ficava à esquerda; Ela costumava se ajoelhar em um banquinho. A janela abria pela frente, do lado oposto. As paredes rústicas eram cobertas por folhas compridas e algumas esteiras de vime penduradas acima delas. O telhado, no topo, era tecido com casca de árvore e nos três cantos havia uma talha que parecia uma estrela; O do meio era maior. Quando Maria se retirou para Cafarnaum, a casinha de Nazaré foi decorada e considerada um santuário. Maria ia muitas vezes de Cafarnaum a este lugar consagrado pela Encarnação de Jesus Cristo, para rezar. Mais tarde, uma infinidade de estrelas foi colocada no teto. Lembro que os fundos da casa e a janelinha foram levados para a Europa. Quando penso nisso, parece que vi que a parte da frente da casa caiu. O telhado não era pontiagudo nem alto e a borda era um tanto elevada, para que se pudesse contorná-lo. Todo o telhado era plano. Não tinha nenhuma torre pequena, mas apenas a chaminé coberta por um pequeno telhado, como é habitual. Vi em Loreto muitas lâmpadas acesas naquela casa sagrada. Na época da Anunciação, Ana dormia do lado esquerdo, separada por uma divisória, perto da lareira.

Constantino e sua conversão (*)

Constantino teve, através de várias aparições, grande confiança no sinal da Santa Cruz: fez com que fosse carregado num estandarte, diante do seu exército, com grande veneração. Mas nisso ele foi guiado mais pelo medo supersticioso, pois hoje vemos pessoas usando amuletos sem verdadeira devoção. Ele acreditava que a Cruz o ajudava, mas tinha a ideia de Cristo como um deus como tantos outros no Império Romano. Fez coisas boas misturadas com outras coisas más, e até perseguiu alguns cristãos, entusiasmado por outros, embora venerasse a Cruz como um sinal que lhe traria sorte nos seus empreendimentos. O Papa Silvestre e outros padres tiveram que se esconder; Eles estiveram escondidos nas cavernas de uma montanha.

As coisas chegaram a tal ponto que Deus usou o castigo para melhorá-las; Ele contraiu lepra e os sacerdotes idólatras lhe disseram que ele deveria se banhar no sangue de uma criança. Ao ouvir isso, fez comparecer o Papa Silvestre e instruiu-se nas verdades da fé. Ele passou sete dias fazendo penitência e eu o vi ser batizado pelo Papa Silvestre. O Imperador entrou completamente na água e saiu são da lepra. Quando se viu limpo e soube o que era ser cristão, enviou uma carta para sua mãe por meio de um mensageiro, dizendo-lhe que havia se tornado cristão, que havia sido curado de sua lepra e que ela também deveria se tornar uma Cristã. Madre Helena não sabia muito sobre o Cristianismo; ele tinha veneração e desejo pelo Messias; Ele tinha ouvido falar que o Filho de Deus veio ao mundo por causa dos judeus; Por isso considerava os judeus um povo eleito e interagiu com os sábios daquela raça. Quando ela lhes contou que o Imperador havia se tornado cristão, eles causaram grande comoção e ficaram muito assustados. Ela escreveu ao filho dizendo-lhe que, se ele abandonasse o paganismo, deveria, portanto, ter abraçado a religião dos judeus. Quando o imperador expressou isso ao papa Silvestre, disse-lhe

que escrevesse à sua mãe, chamando-a a Roma na companhia dos sábios judeus para uma disputa pública.

Constantino escreveu para sua mãe e ela procurou os mais sábios entre os judeus e partiu com dois deles para Roma. Vários outros judeus estiveram presentes nesta disputa e vários filósofos pagãos, que decidiriam quem levaria vantagem. Vi que Silvestre respondeu a todas as objeções dos judeus, que se converteram, assim como Helena, a Imperatriz, que então foi a Jerusalém em busca da verdadeira cruz de Cristo.

(*) Alguns historiadores dizem que Constantino foi batizado apenas no final da vida. Nicéforo chama essa história de *Figmentum arianorum*. A tradição e o Breviário Romano concordam com o que Ana Catarina viu. O Breviário diz que ele foi libertado pelo batismo da lepra da infidelidade. Este último foi um acréscimo, pois parentes reclamaram que foi divulgado que ele estava atacado de lepra.

Encontro e triunfo da Santa Cruz

Após a morte de Cristo, os judeus tentaram destruir todos os lugares que os cristãos consideravam sagrados. Eles cavaram valas na estrada onde Jesus havia caído. Os lugares, lindos e verdes, onde Jesus havia pregado, foram tornados intransitáveis e os jardins foram cercados. Em alguns lugares, eles até construíram covas escondidas onde os peregrinos poderiam cair. Vi que alguns desses judeus pérfidos caíram nas profundezas. Eles desfiguraram e colocaram obstáculos nas estradas que levavam ao Calvário, abrindo valas em alguns espaços e cercando outros com cercas. Muitos fizeram peregrinações a esses lugares e grandes maravilhas foram realizadas ali. Vi que cavaram e baixaram o cume do Monte Calvário e a terra que tiraram de lá foi espalhada pelas estradas. Os cinco locais em forma de coração cheios de vegetação que ali existiam e que levavam ao local da crucificação foram deformados. Quando retiraram a terra do cume do Calvário, ficou uma pedra branca e nua, onde era visível um buraco quadrado, de um côvado de profundidade, onde estivera a cruz. Os vi neste lugar trabalhando penosamente com alavancas e troncos de árvores para remover a pedra, mas ela sempre descia mais fundo. Depois cobriram o local com terra. O lugar do santo sepulcro era propriedade de Nicodemos e foi deixado como estava.

Mais tarde, esses lugares foram profanados novamente. O jardim do santo sepulcro era ligeiramente inclinado em relação à altura em que estava o túmulo.

Vi como cavaram e baixaram a altura e cobriram o jardim com terra e espalharam e disfarçaram todo o lugar. Naquela noite vi todo o lugar do túmulo e do Calvário completamente mudado e irreconhecível. Muitas estradas estavam cobertas de escombros e cortavam outras estradas e trilhas. O Monte Calvário, onde existiam outras alturas e no meio delas locais de vegetação, foi rebaixado e nivelado numa grande área. Os dois judeus que vieram com Helena procurar a cruz tiveram que fingir ser judeus para saberem dos outros o lugar da cruz.

Quando pela conversa com os judeus souberam onde ficava o local do túmulo e do Calvário, Helena encontrou acima do santo sepulcro um templo a Vênus com mármores e figuras pagãs. No Monte Calvário estava o ídolo de Adônis. Os judeus não quiseram dizer onde estava a cruz de Cristo e disseram que era apenas um judeu antigo.

Vi uma mulher de grande estatura e majestade, já velha, mas ainda ágil (Helena) com um véu que cobria uma pequena coroa, entrar e sair de muitos casebres e cavernas escuras. nas muralhas da cidade, buscando dados.

Também vi o pequeno e emaciado judeu, com uma longa barba, entrar em uma

cabana e em outra, antes que a Senhora entrasse para perguntar. Certa vez vi que ele reuniu muitos judeus. Outra vez vi Helena caminhando com aquele velho judeu e dois homens carregando uma furadeira comprida em direção ao local onde estivera a cruz. O templo dos ídolos já havia sido demolido. O velho judeu também não sabia ao certo, e eles foram perfurando e cada vez mais perto, até que viram uma placa no mesmo buraco, que não me lembro mais o que era. Então eles começaram a cavar lá.

Vi a Imperatriz, quando encontrou o lugar, tirar a coroa e soltar os cabelos. Ele tirou algo do pescoço e do peito e tirou os sapatos, deixando tudo sobre uma pedra branca e limpa. Eles tiveram que cavar um buraco muito fundo antes de encontrar alguma coisa. Eles encontraram primeiro uma cruz de ladrão; depois, não muito longe dali, a cruz de Cristo, e depois a outra. Encontraram a cruz de Cristo desmontada; mas as peças estavam ali numa certa ordem. A placa de inscrição estava um pouco mais distante; nela o pergaminho com a inscrição. Debaixo de um pedaço de madeira no braço da cruz estavam os três pregos em ordem: o prego do pé tinha um palmo e meio de comprimento; os outros, um palmo. Helena mandou o prego mais grosso para seu filho Constantino.

Não consigo entender por que se diz que eles não conseguiram reconhecer a cruz de Cristo às dos outros, quando sempre as vi diferentes umas das outras. As cruzes dos ladrões eram feitas de madeira redonda, na qual a barra transversal era fixada com um tarugo de madeira e sobressaía do topo. A cruz de Cristo era feita de madeira quadrada, um pouco mais larga do que grossa, bem trabalhada, e os braços eram enfiados dentro da madeira principal. Também tinha um pequeno apoio para os pés, pregado com um prego grosso que me parecia rebitado. Esse apoio para os pés foi encontrado na cruz, virado de cabeça para baixo. Vi que Helena mandou levantar a cruz e a abraçava.

Desmontaram as outras duas cruzes e as deixaram de lado, como pedaços de madeira sem valor. Sempre pensei, na minha ingenuidade, que deveria ter carregado a cruz do bom ladrão. Muitas pessoas vieram ao local. Os soldados tiveram que intervir para manter a ordem.

Vi a Cruz ser levada numa grande procissão. Trouxeram homens aleijados, doentes e paráliticos, apoiados nos braços de outros, e até em carroças, enquanto passava a procissão, e todos foram curados apenas ao tocar na Cruz. Acredito que estas maravilhas foram realizadas para testemunhar a verdade da Santa Cruz e não para distingui-la das outras. O velho judeu tornou-se cristão e fervoroso adorador da Santa Cruz. Ele sempre usava o sinal da cruz no lado direito da roupa. Mais tarde, ele se tornou bispo de Jerusalém. Vi que a própria Helena se fez batizar em Jerusalém e ordenou que fosse demolido o templo do ídolo que estava sobre o santo Sepulcro. No início, os judeus não queriam trabalhar; Mas uma terrível tempestade surgiu e varreu todos os escombros dali e também muitas casas dos judeus construídas ao redor dela. Então um grande medo tomou conta dos judeus e eles começaram a trabalhar seriamente. A entrada original do Santo Sepulcro não foi mais utilizada ou aberta e foi feita uma entrada lateral.

Helena tinha então cinquenta anos e vi o seu edifício intensamente movimentado (a Igreja do Santo Sepulcro). A igreja cristã ainda estava em Sião, onde a sagrada Eucaristia havia sido instituída.